

# VIII Congresso Internacional de Educação



# Direitos Humanos



8 a 10  
maio

2019

# 70 anos

da Declaração Universal  
dos Direitos Humanos  
e a Educação Humanizadora

PROMOÇÃO



APOIO



# APRESENTAÇÃO

O **VIII Congresso Internacional de Educação** constitui-se em uma proposta de parceria entre a Faculdade Palotina (FAPAS), Pallotti Colégio Antônio Alves Ramos, Associação dos Professores e Auxiliares Administrativos do Colégio Antônio Alves Ramos do Patronato (APAP) e Instituto Vicente Pallotti, de Porto Alegre. Instituições essas mantidas pela Entidade Palotina de Educação e Cultura - EPEC.

Tendo em vista o êxito obtido no VII Congresso Internacional de Educação propõe-se uma nova edição do evento, o qual visa contribuir para o desenvolvimento da educação sob a ótica de uma formação continuada, humanizadora tendo como foco os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

# SUMÁRIO

## ÁREA DE TRABALHO

### Educomunicação

51. FALA GALERA: PROTAGONISMO DE NARRATIVAS JUVENIS ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE RÁDIO E JORNAIS EM ESCOLAS ESTADUAIS DO RS  
(Veridiana Pivetta de Mello e Elbe Rafael Marques Belardinelli) ..... 5
52. O TEMPO VOA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA NA PRODUÇÃO DE UMA RADIONOVELA  
(Caroline Comassetto e Luiza Rorato)..... 20
53. REFLEXOS DO ENSINO APRENDIZAGEM NO MESTRADO DE ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS DA UNIVERSIDADE FRANCISCANA: A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA  
(Bruno Cesar Ribeiro, Carlos Alberto Coletto Bürger e Taís Steffenello Ghisleni) ..... 32
54. JORNAL ESCOLAR: A EDUCOMUNICAÇÃO COMO PERCURSO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR  
(Cândida da Silva Benitez e Manuel Constantino Zunguze) ..... 50
55. TRANSFORMAÇÃO DO FAZER DOCENTE  
(Valesca de Matos Duarte) ..... 67
56. EXPOSIÇÃO DE ASPIRANTES A PROFISSIONAIS DA MODA NA INTERNET E A SUBMISSÃO DE CORPOS À ESTÉTICA DO CABIDE MEDIANTE AUSÊNCIA DA DEFESA DE DIREITOS DE MODELOS  
(Yasmin Ialuny e Eloisa Klein) ..... 84



VIII

Congresso  
Internacional  
de Educação

Eixo 5

EDUCOMUNICAÇÃO



Direitos  
Humanos



ISSN: 2446-5542

<http://revistas.fapas.edu.br/index.php/anaiscongressoie>

## FALA GALERA: PROTAGONISMO DE NARRATIVAS JUVENIS ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE RÁDIO E JORNAIS EM ESCOLAS ESTADUAIS DO RS

Veridiana Pivetta de Mello \*

Elbe Rafael Marques Belardinelli \*\*

**Resumo:** O projeto Fala Galera envolve o 18º Núcleo do CPERS/Sindicato e quatro escolas estaduais, duas de Santa Cruz do Sul, uma de Encruzilhada do Sul e uma de Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul. Ele visou desenvolver a integração entre educação e comunicação – educomunicação - com estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Ao realizarem oficinas com as técnicas de como produzir notícias, os educandos tornaram-se protagonistas de narrativas para os meios de comunicação, no ambiente escolar, e avançaram na construção da autonomia e da ação participativa, desenvolvendo uma práxis transformadora. A partir das referidas oficinas, os adolescentes criaram jornais murais e programas de rádio no ambiente educativo. Por fim, foi realizado um jornal impresso coletivo com todas as matérias produzidas pelos estudantes. Através da educomunicação buscou-se, também, fortalecer a capacidade comunicativa dos estudantes, elevar a autoestima e colaborar na formação de uma visão crítica dos meios de comunicação. O artigo traz também referencial teórico sobre educomunicação e analisa um ano do projeto.

**Palavras-chave:** Educomunicação. Jornalismo. Adolescente.

---

\* Possui graduação em Comunicação Social Habilitação - Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (1994), mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999) e doutorado pela Pontifícia Universidade Católica RS (2014). Tem 20 anos de experiência em docência no ensino superior. verimello@hotmail.com

\*\* Possui graduação em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul, cursou Filosofia na Universidade Nacional de Rosario/Argentina, faz especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul. É professor do ensino público estadual e diretor no 18º Núcleo do CPERS/Sindicato. todavialenin@gmail.com

## FALA GALERA: PROTAGONISM OF JUVENILE NARRATIVES THROUGH RADIO PROGRAMS AND NEWSPAPERS IN STATE SCHOOLS OF RS

**Abstract:** The Fala Galera project involves the 18th CPERS / Union and four state schools, two from Santa Cruz do Sul, one from Encruzilhada do Sul and one from Venâncio Aires, in Rio Grande do Sul. It aimed to develop the integration between education and communication - educommunication - with 7th, 8th and 9th grade students. In carrying out workshops with the techniques of how to produce news, the students became protagonists of narratives for the media in the school environment, and advanced in the construction of autonomy and participatory action, developing a transformative praxis. From these workshops, the adolescents created murals and radio programs in the educational environment. Finally, a collective printed journal was produced with all the materials produced by the students. Through educommunication we also sought to strengthen students' communicative capacity, raise self-esteem and collaborate in the formation of a critical view of the media. The article also brings theoretical reference on educommunication and analyzes a year of the project.

**Keywords:** Educommunication. Journalism. Teenager.

### Introdução

Este artigo é uma reflexão sobre o trabalho de um ano do projeto de educomunicação Fala Galera, que envolve o 18º Núcleo do CPERS/Sindicato e as Escolas Estaduais: de Ensino Fundamental Bruno Agnes e de Ensino Médio Nossa Senhora da Esperança, de Santa Cruz do Sul; de Educação Básica Borges de Medeiros, de Encruzilhada do Sul; e de Ensino Médio Crescer, de Venâncio Aires, localizadas na região centro-serra do Rio Grande do Sul. Ele teve como objetivo geral desenvolver a integração entre educação e comunicação – educomunicação – nestas quatro escolas. Ao realizar oficinas sobre as técnicas de como se produz notícias, os estudantes foram levados a se tornarem protagonistas de narrativas para os meios de comunicação no ambiente escolar, avançaram na construção da autonomia e da ação participativa, desenvolvendo uma práxis transformadora.

Através do protagonismo dos estudantes, foram objetivos do projeto, também, realizar as oficinas de jornalismo para que eles se apropriassem das técnicas de como se produz um jornal e um programa de rádio; fortalecer a capacidade comunicativa visando melhorar as relações de comunicação entre eles; elevar a autoestima e a capacidade de expressão deles, como indivíduos e como grupo; e colaborar na formação de uma visão crítica dos meios de comunicação para que os estudantes convivam com eles, sem se deixarem manipular. Contudo, para isso acontecer, é fundamental que a escola seja um espaço onde o pensamento crítico tenha condições de ser desenvolvido, ainda mais neste tempo em que vivemos, de grandes retiradas de direitos e de ascensão de ideais conservadores na sociedade.

Esse projeto de educomunicação tem um diferencial, ele nasce a partir das demandas de um sindicato de trabalhadores da educação. Pensou-se: por que não propor um projeto que possa ajudar no processo pedagógico no chão da escola? Por que somente os bancos e as grandes empresas podem entrar nas escolas como parceiros? A partir disso, construiu-se o projeto com a ideia de contribuir para um melhor desenvolvimento do processo pedagógico na sala de aula e, também, ajudar as diferentes áreas do conhecimento a trabalharem interdisciplinarmente, sempre respeitando o Projeto Político Pedagógico da escola e pensando na necessidade dos alunos construírem um conhecimento crítico em relação à realidade e seu mundo.

## **Desenvolvimento**

No que se refere ao trabalho concreto com os jovens, a partir da concepção de uma pedagogia crítica e democrática, pensou-se, especificamente, em colocar a questão da autonomia do estudante como algo central do projeto e que, desse processo, das necessidades dos próprios estudantes e seus conteúdos

curriculares, se construísse, coletivamente, a proposta de trabalho e o material a ser produzido, a síntese. Portanto, aqui se encontram duas demandas: as dos estudantes que trazem de sua vida (saber popular) e a da escola, que seria o conhecimento sistematizado que a sociedade acumulou em sua história (saber científico).

Portanto, em um processo complexo, dialético e com uma estratégia clara, que é desenvolver uma práxis transformadora, o papel do sindicato aparece como algo fundamental, pois rompe com a barreira do político-econômico-reivindicativo, o qual é importante e o CPERS (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul) tampouco abre mão, no entanto, construir, também, uma política de intervenção concreta na realidade pedagógica da escola é algo necessário para se avançar e realizar. A disputa pela escola democrática, plural e crítica contra a posição do projeto neoliberal de privatização das escolas e de parcerias público-privadas, que tem nas parcerias com os bancos e multinacionais um exemplo contundente de apropriação da ideologia neoliberal nas escolas é algo que tem que ser enfrentado.

Para fazer este enfrentamento, o 18º Núcleo do CPERS/Sindicato realizou o projeto de educomunicação Fala Galera. Durante o ano de 2018 foram ministradas várias oficinas de jornalismo nas quatro escolas para que estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental (adolescentes com idades entre 13 a 15 anos na sua maioria) aprendessem a fazer pautas, realizassem as entrevistas e escrevessem as matérias\*. A primeira oficina foi sobre o que é o jornalismo e para que serve (sua função); a segunda foi como se produzem as notícias e o *lead*; na terceira, eles tiveram que identificar, através de recortes de jornais, a cartola, título, *lead* e foto de cada notícia; na quarta, foram definidos os grupos e discutidas as pautas, quem entrevistar, que perguntas fazer e pensar na foto/ilustração; na

---

\* Utilizou-se o termo para se referir aos textos escritos pelos alunos, pois matéria no jargão jornalístico é o fruto do trabalho do repórter. Embora, nas oficinas, tenha-se ensinado a produzir notícias, alguns textos chegam mais perto do conceito de reportagem.

quinta, foi a vez de redigir as matérias e, na sexta oficina, os adolescentes montaram os jornais murais nas escolas, que estão com as notícias reproduzidas no jornal impresso coletivo Fala Galera<sup>†</sup>, síntese de um ano de trabalho.

Em uma das escolas foi executado, também, um programa de rádio, por uma escolha do professor que sugeriu à turma e os alunos aceitaram. Foram realizadas três oficinas de rádio introdutórias: a primeira, sobre o veículo e sua linguagem; na segunda, como se faz um programa de rádio e um roteiro; e, na terceira, os alunos gravam um boletim informativo de cerca de 2 minutos sobre a escola. O tema do primeiro programa abordou os refugiados da Síria, que eles estavam estudando na disciplina de Geografia. Cada grupo pesquisou notícias e elaborou perguntas para um jornalista sobre o assunto. Esse material foi unido em um roteiro único do programa que foi ao ar, ao vivo, apresentado pelos próprios adolescentes, na Rádio Comunitária de Santa Cruz do Sul. Já no segundo programa, eles queriam debater juventude e política (era final do ano e as eleições de 2018 tinham acabado de acontecer). Novamente eles apresentaram o programa na rádio com as questões discutidas em aula, entrevistando um professor de Sociologia da Unisc (Universidade de Santa Cruz do Sul) e uma professora da Faculdade de Educação da UFRGS. No início do programa, que foi conduzido pelo professor da disciplina, eles fizeram um pequeno debate sobre o tema, expressando suas opiniões.

Os assuntos escolhidos para pauta do jornal e do programa de rádio têm relação direta com a realidade dos adolescentes e o mundo e os cerca: como é escolhida a merenda escolar; por que a escola não está bem cuidada; o que significou a Semana da Consciência Negra para os estudantes; por que tanta gente sofre de depressão; uma pesquisa sobre o racismo; as brincadeiras de rua de antigamente; violência contra a mulher; o que é *bullying*; a visita dos estudantes a

---

<sup>†</sup> Acesse a versão digital do jornal disponível em: [https://issuu.com/pffranco/docs/jornal\\_fala\\_galera](https://issuu.com/pffranco/docs/jornal_fala_galera).

uma aldeia indígena; um grupo de rap que nasceu na escola; o que é feminicídio; campanha de conscientização contra a privatização da água e etc. O que se procurou fazer foi, em primeiro lugar, dar autonomia ao aluno e, também, buscar desenvolver uma visão crítica do mundo, como preconiza a educomunicação.

Para o professor Soares<sup>‡</sup> (s.d.) do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP (referência sobre o tema, no país), a Educomunicação consiste em um conjunto das ações destinadas a fazer a integração das práticas educativas com o estudo dos sistemas de comunicação e suas linguagens. Por meio desta prática é possível desmitificar a realidade produzida pelos meios de comunicação, construindo uma visão mais crítica a respeito deles. A partir disso, os estudantes têm condições de relativizar as informações transmitidas pelos veículos de comunicação, estando, assim, menos sujeitos a manipulação.

A educomunicação, segundo Santos e Foresti (2016, p. 172), é um modelo orientador de práticas “que tem como objetivo o fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais mediante a gestão compartilhada e solidária das tecnologias da informação, num exercício prático do direito universal à expressão”. Os autores trazem ainda que o termo surge a partir das referências da comunicação alternativa e da educação popular. Atualmente, a educomunicação dá subsídios a muitos movimentos sociais, escolas, redes de ensino e segue ganhando adeptos por seu caráter de desenvolvimento da cidadania, aliás, ela tem como pressuposto a construção de cidadania, conforme Santos e Foresti (2016).

Sendo assim, a educomunicação não é apenas colocar os alunos para mexer em aparatos tecnológicos ou ministrar oficinas com as técnicas de como se produz um jornal ou um programa de rádio. Ela engloba isso e muito mais. É preciso garantir que tudo seja realizado de forma democrática, através de uma mediação que saiba ouvir e valorizar mais o processo comunicativo do que o

---

<sup>‡</sup> Na primeira folha de seu texto de apenas duas páginas *Mas, afinal, o que é educomunicação?* Ismar de Oliveira Soares conceitua a área e traz seus objetivos.

produto em si. É importante que o educando seja construtor dos conteúdos que estão sendo descobertos e garantir um processo autônomo de criação de uma consciência crítica do mundo, que assegure a formação de uma cidadania mais humana e solidária.

Messias (2016) defende o protagonismo da audiência através da educomunicação. Para ele, o sujeito social audiência pode se tornar protagonista dos próprios atos comunicativos e, dessa maneira, compreender as regras e protocolos que fazem dos veículos de comunicação formas de dominação cultural. Conforme Messias (2016, p. 03) “uma audiência crítica, protagonista nos processos comunicativos, sinaliza [...] para uma sociedade menos exposta aos ritos da hegemonia e, conseqüentemente, com possibilidades maiores de reduzir as desigualdades”.

Quando se fala de educomunicação uma figura central é abordada por vários autores. Eles fazem referência à importância deste educador que ensina sobre os meios de comunicação, suas linguagens, modos de produzir, enfim, sua função deve ser a de quem se propõe a realizar a alfabetização midiática dos estudantes. Destaca-se aqui a contribuição de Messias (2016, p.04).

Se, por um lado, está o sujeito social audiência e, por outro lado, há a hegemonia produtora de conteúdos midiáticos, os estudos da inter-relação comunicação e educação mostram a importância de um terceiro elemento nesse processo, qual seja, o gestor de processos comunicacionais que, interventor no fluxo de linguagens, desenvolve ações que conduzem a uma reflexão mais crítica, eventualmente libertadora, em relação ao doutrinamento imposto pelos meios. Esse interventor foi definido em pesquisa desenvolvida por Soares, em 1999, como educador, ou seja, exerce a práxis da educomunicação.

Conseguir exercer a práxis da educomunicação significa, de fato, alfabetizar midiaticamente os educandos, com o objetivo de desenvolver o senso crítico que

vai contribuir para uma sociedade mais cidadã. Estrázulas, Souza e Levy (2012) chamam a atenção para a importância da escola nestes tempos em que a convivência com as mídias é muito intensa. Segundo eles, hoje a ação individual ganha espaço na sociedade, mas a escola é ainda a instituição cultural existente onde é permitido que a transmissão cultural seja passada. A escola é a ponte entre a cultura e o indivíduo, dando a ele repertório para essa convivência.

Deste modo, a escola tem a sua função educativa, mas também social e política. Conforme Estrázulas, Souza e Levy (2012, p. 04), é ela que aponta o caminho para a democracia e a participação social. A escola seria o instrumento “necessário à integração social, possibilitando ao indivíduo, através das construções possíveis, que ele seja um agente criador de realidade e transformador social”. E são os meios de comunicação que abastecem o que conhecemos como realidade. “Em especial o campo do jornalismo, pautado pela preocupação com os direitos coletivos e observação dos fenômenos sociais como fonte de informações a todos” (p. 04). Os autores questionam se os meios fornecem informações capazes de municiar as ações do indivíduo: por que não há uma educação voltada para as mídias? A resposta é que deve haver um letramento midiático, ou seja, uma apropriação dessa escrita midiática, “tem que haver a contextualização, não só das informações como da formatação e intenção de veicular essas informações” (p. 06).

Portanto, Estrázulas, Souza e Levy (2012, p. 08 e 09) entendem educomunicação como a base para o indivíduo realizar uma leitura crítica dos meios de comunicação. Ela “visa à modificação de comportamento, de forma permanente, da passividade diante das informações à escolha consciente do consumo de mídias, num processo pedagógico contínuo e planejado conforme as especificidades de cada informação e de cada meio”. Assim, a escola ganha em importância, na vida cotidiana, por discutir o que realmente é inquietante para os estudantes e permite uma produção de sentidos orientada por um processo de

letramento crítico da mídia. É a escola exercendo seu papel de não somente transmitir conhecimento, mas formar cidadãos conscientes para lutar por seus direitos e ser solidário com os dos outros.

Depois desta breve conceituação sobre educomunicação e sua relevância para o processo pedagógico da escola, torna-se muito oportuno trazer autores que relatem experiências práticas na área e discutam seus resultados. Pereira (2017) analisa três projetos de extensão em educomunicação do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso. Segundo ela, por meio da capacitação os estudantes se apropriaram das técnicas jornalísticas e dos recursos tecnológicos e se tornaram produtores de narrativas no seu contexto sociocultural. Referindo-se aos alunos participantes dos projetos, Pereira (2017, p. 04) assinala que é possível notar seu protagonismo aumentar “com a gradual apropriação dos recursos que ampliam suas possibilidades de expressão, sendo elogiados por seu pares, professores e pais devido à perda da timidez, aumento da autoestima e de sua autoconfiança na realização de inúmeras atividades.

No projeto Fala Galera também observou-se melhora das relações comunicativas e da autoestima dos envolvidos, já na confecção do Jornal Mural. Na escola mais carente das quatro<sup>5</sup>, eles queriam cópias dos textos que haviam produzido para mostrarem aos familiares. Percebeu-se, ainda, grande envolvimento dos alunos nas atividades das oficinas, normalmente de uma forma lúdica, como na montagem do Jornal Mural.

Pereira (2017) aponta para o empoderamento dos adolescentes ao darem-se conta da realidade que os cerca e trabalhar isso em pautas jornalísticas. No Fala Galera, um dos momentos de maior autonomia foi a discussão dos assuntos que iriam compor o jornal. Como diz Pereira (2017) os estudantes foram empoderados, neste caso, porque eles escolheram a pauta, quem entrevistar e o

---

<sup>5</sup> Para se ter uma ideia do acesso às tecnologias, apenas um aluno desta turma de 8º ano possui telefone celular.

que perguntar. Os temas, como citados anteriormente, foram desde saber quem escolhe a merenda da escola até a violência contra a mulher, passando pelo *bullying*, o racismo e a visita à aldeia indígena. Enfim, muitas das pautas estão ligadas a reivindicação dos direitos humanos que é, também, o próprio direito básico à comunicação e à livre expressão. Se a educomunicação visa à cidadania, “há uma relação intrínseca com a proposta de um jornalismo comprometido com a democracia e a cidadania que se fundamenta no exercício do diálogo em vista de levar os indivíduos a terem voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão” (PEREIRA, 2017, p.08).

Os benefícios com os projetos de educomunicação se multiplicam nos artigos que tratam do tema. Relatando sobre as melhorias em relação aos alunos que realizaram rádio na escola, Souza e Sartori (2016, p. 293) salientam que o veículo “propiciou o desenvolvimento da espontaneidade, ampliando a capacidade de compreensão e criação textual (considerando aqui a expressão de frases e o contar histórias), além de facilitar a aprendizagem de outros conteúdos educacionais”. As oficinas de rádio também melhoraram a oralidade e a autoconfiança dos adolescentes, conforme os autores. No programa de rádio do Fala Galera verificou-se o protagonismo dos envolvidos através do desenvolvimento do pensamento crítico dos temas tratados e a apropriação da palavra, principalmente quando eles deram suas opiniões, no ar, de improviso.

Já Kuhn e Steffen (2013), ao concluírem seu artigo sobre um projeto de jornal de uma escola realizado na disciplina de Comunicação e Educação do Curso de Comunicação Social da Unijuí, assinalaram que a educomunicação é fundamental na formação do indivíduo. “Através da aplicação dela é possível criar ecossistemas comunicativos em que todos aprendem com todos e assim melhorar a sociedade. Esse campo teórico/metodológico precisa levar em conta a pluralidade dos sujeitos” (p.12). Segundo as autoras, foi observado que a realidade em sala de aula é única. As diferenças de uma turma para outra sempre

devem ser levadas em consideração. No projeto Fala Galera eram quatro escolas e em três cidades diferentes. Embora o roteiro inicial das oficinas tenha sido o mesmo, sua aplicação deu-se em tempos diferentes e suas formas de apropriação também foram diversas. E, mesmo que os resultados tenham sido muito positivos, os professores relaram aspectos diferentes de melhora: um a nota, outro a disciplina.

“A educomunicação propõe a horizontalidade do processo de ensino/aprendizagem. Todos aprendem com todos no ecossistema comunicativo”. Neste sentido, a hierarquia tradicional da sala de aula e da relação educando/educador, abre espaço para a construção do conhecimento em conjunto, explicam Kuhn e Steffen (2013, p. 12). No seu projeto de jornal escolar as pesquisadoras apontaram como resultado alunos mais interessados no aprendizado. Por fim, as autoras trazem que as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) também têm papel importante na aprendizagem e que os professores podem explorá-las melhor e torná-las mais interessantes e atrativas para os alunos, pois as aulas limitam-se ao uso de textos e explicação oral. Contudo, a educomunicação não se reduz a exploração das TICs. “O debate gira em torno que um melhor uso de todas essas ferramentas para formar cidadãos críticos e reflexivos sobre a mídia e a sociedade como um todo” (p.13).

Bezerra, Cavalcante e Silva (2017) chamam a atenção das potencialidades da educomunicação para discutir direitos humanos na escola. Conforme elas, entre as várias funções da área, está a de fomentar o debate sobre os direitos humanos e propiciar a autonomia necessária para questionar as realidades vividas na escola, através do uso das tecnologias midiáticas. De acordo com as autoras, a “Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948, traz a compreensão dos DH como inalienáveis, universais e indivisíveis. O desafio a partir de então é como garantir que estes direitos sejam efetivados” (p.06). A escola é um dos lugares mais propícios para desenvolver os DH. Se, por um lado,

é onde muitos preconceitos se manifestam, por outro, é o espaço que está garantido por lei\*\* para se discutir democracia racial, direitos indígenas etc ...

Uma das formas mais eficientes de promover os direitos humanos é através da educação. Se esta possuir o objetivo de não apenas repassar conteúdos para os estudantes, mas de construir um pensamento crítico e, numa relação horizontal entre educadores e educandos, fazer florescer o conhecimento, ela é, então, grande aliada na formação de um mundo mais humano, onde as relações entre os sujeitos sejam mais respeitadas (BEZERRA, CAVALCANTE; SILVA, 2017, p. 06).

A experiência do projeto de educomunicação Fala Galera no campo dos DH foi, como referido anteriormente, de duas maneiras, primeiro o de garantir aos adolescentes seu direito à comunicação, fornecendo ferramentas para eles se expressarem através do jornal e do programa de rádio e, segundo, por meio das pautas trabalhadas por escolha dos próprios estudantes.

Pode-se concluir com esse projeto que os estudantes se tornam, realmente, protagonistas de narrativas para jornais e programas de rádio. Eles se apropriam das técnicas jornalísticas para construir seus próprios meios de comunicação. Como resultado desta produção há uma série de benefícios no processo de ensino-aprendizagem que já foram aqui citados.

Mais amplamente, pode-se dizer que existe educomunicação quando há troca e a verdadeira relação de comunicação acontece, professores e estudantes saem alterados desse encontro e passam a construir um ambiente de respeito, de valorização das diferenças e de incentivo à produção da cultura e do conhecimento. Nesse sentido, o espaço se transforma em um ecossistema comunicativo aberto e de diálogo. A educomunicação mostra-se, assim, uma

---

\*\* Consta no Projeto Político Pedagógico das escolas trabalhar nas disciplinas estes temas transversais ligados aos direitos humanos.

ferramenta potente para a construção de um ensino mais humano e socialmente responsável.

Sendo assim, o processo pedagógico é fundamental para o desenvolvimento da educomunicação. A possibilidade de usar inúmeros dispositivos num espaço onde flui uma prática que leve a repensar a escola, permite experimentar novas ações pedagógicas e contribui com o processo de construção do conhecimento que se dá neste ambiente. Também, com a realização das oficinas com temas transversais, pode-se trabalhar no sentido de evitar e prevenir conflitos e violência, no âmbito escolar, através de um diálogo verdadeiro e fraterno.

### **Considerações finais**

Por meio do desenvolvimento da práxis, é possível construir processos de solidariedade e cooperação social, tornando o ambiente escolar mais propício para a prática da aprendizagem e formação das identidades juvenis. Portanto, através do protagonismo dos estudantes e professores que se tornam sujeitos críticos e ativos de uma realidade concreta, é possível transformar em um potencial que responde a um outro projeto de sociedade.

Por fim, o projeto Fala Galera do 18º Núcleo do CPERS/Sindicato aconteceu de duas formas: primeiro na elaboração da concepção do projeto e sua materialização, disponibilizando uma jornalista com larga experiência no tema, e os recursos econômicos para o projeto, e garantindo os monitores do projeto que foram os próprios professores que estavam na sala de aula. Por outra parte, o sindicato construiu um critério de autonomia e de diálogo que gerou a possibilidade tanto dele mesmo, como de alunos e professores das escolas construírem esse processo de forma dialética, respeitando as demandas de cada integrante.

O resultado final foi intervir de forma crítica nas escolas, ajudando na democratização daquele espaço, no melhor rendimento dos alunos e, principalmente, na desalienação desses estudantes em um processo de construção de conhecimento crítico a partir de suas necessidades. Portanto, a intervenção foi política e, ao mesmo tempo, técnica pedagógica, unidade entre a teoria e a prática em um processo dialético que se sintetiza com uma superação: transformar a realidade em questão, melhorar a nossa escola pública e contribuir na formação crítica e autônoma de nossos jovens trabalhadores.

## Referências

BEZERRA, Fernanda Maia Almeida; CAVALANTE; Andrea Pinheiro Paiva; SILVA, Cátia Luiza Oliveira da. A educomunicação como ferramenta para discutir direitos humanos na escola. In: **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – Fortaleza - CE – 29/06 a 01/07/2017. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1348-1.pdf>. Acesso em 12 mar. 2019.

ESTRÁZULAS Jimi Aislan; SOUZA, Alice Regina Pacó de; LEVY, Denize Piccolotto Carvalho. Cartografia da Educomunicação em Manaus: justificativas de um projeto multiplicador. In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Fortaleza, CE – 03 a 07/09/2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1433-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

KUHN, Patricia Laura; STEFFEN, Lisandra Portela. Educomunicação em Sala de Aula: Estudo de caso sobre Escola Giordani em Santa Rosa – RS. In: **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – S. Cruz do Sul - RS – 30/05 a 01/06/2013. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0020-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

MESSIAS, Cláudio. A audiência protagonista e os pressupostos da educomunicação: reflexões epistemológicas. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3374-1.pdf>. Acesso em 25 mai. 2017.

PEREIRA, Antonia Alves. Educomunicação no ensino, na pesquisa e na extensão. In: **15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP** – São Paulo – Novembro de 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/594/439>. Acesso em 13 mar. 2019.

SANTOS, Janete Cardoso dos; FORESTI, Joadir Antônio. Reflexões acerca do conceito e das práticas educacionais. In: ROSA, Rosane; SOARES, Ismar de Oliveira; MACHADO, Sátira (Orgs). **Educomunicação e diversidade: tecendo saberes**. São Paulo: ABPEducom, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/abpeducom/docs/rosa\\_\\_r\\_-\\_educucomunicacao\\_e\\_diversid](https://issuu.com/abpeducom/docs/rosa__r_-_educucomunicacao_e_diversid). Acesso em: 19 mar. 2019.

SOARES, Ismael de Oliveira. Mas, afinal, o que é educação. **Núcleo de Comunicação e educação da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2017.

SOUZA, Edemilson Gomes de; SARTORI, Ademilde Silveira. Educomunicação e protagonismo juvenil na rádio escolar. In: ROSA, Rosane; SOARES, Ismar de Oliveira; MACHADO, Sátira (Orgs). **Educomunicação e diversidade: tecendo saberes**. São Paulo: ABPEducom, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/abpeducom/docs/rosa\\_\\_r\\_-\\_educucomunicacao\\_e\\_diversid](https://issuu.com/abpeducom/docs/rosa__r_-_educucomunicacao_e_diversid). Acesso em: 19 mar. 2019.



ISSN: 2446-5542

<http://revistas.fapas.edu.br/index.php/anaiscongressoie>

## O TEMPO VOA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA NA PRODUÇÃO DE UMA RADIONOVELA

Caroline Comassetto \*

Luiza Rorato \*\*

**Resumo:** Este artigo relata a experiência educ comunicativa vivenciada junto aos alunos de 3º a 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Nossa Senhora da Conceição, localizada no Morro das Antenas, na Vila Caturrita, região periférica de Santa Maria, RS. Desenvolvida na disciplina de Projeto Experimental em Jornalismo\*, no curso de Jornalismo da Universidade Franciscana. Com base nos conceitos de educomunicação e de observação participante, o processo de produção envolveu os alunos na construção de uma radionovela, nos quais os processos interacionais permitiram contextualizar o lugar da mídia nas dinâmicas e vivências com a turma. A realização da radionovela e o envolvimento dos alunos nos processos de produção evidenciaram o protagonismo e sua capacidade de produção de cultura.

**Palavras-chave:** Educomunicação. Mídia. Radionovela.

## TIME FLIES: AN EDUCOMMUNICATIVE EXPERIENCE OF RADIO SOAP OPERA PRODUCTION

**Abstract:** This article reports the educ communicative experience lived with students from 3rd to 5th year of the Municipal School of Elementary Education (MSEE) Nossa Senhora da Conceição, located in Morro das Antenas, in Caturrita Village, in a peripheral region of Santa Maria, RS. Developed in the discipline of Experimental

\* Acadêmica de Jornalismo da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: carolcomassetto@gmail.com

\*\* Acadêmica de Jornalismo da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: luizarorato1@gmail.com

\* A disciplina de projeto experimental em Jornalismo é requisito para a conclusão do curso de Jornalismo na UFN e consiste no desenvolvimento de um experimento na área da comunicação e suas interfaces. O projeto foi orientado pela professora-doutora Rosana Cabral Zucolo.

Project in Journalism of the Journalism degree on Universidade Franciscana, the production process involved the students in the construction of a radio soap opera. Based on the concepts of educommunication and participant observation, the interactional processes allowed to contextualize the place of the media in the dynamics and experiences lived with the class. The realization of the radio soap opera and the students' involvement in the production processes showed their protagonism and their capacity to produce culture.

**Keywords:** Educommunication. Media. Radio soap opera.

## Introdução

Fundamentado na perspectiva da educomunicação e da observação participante, este projeto experimental em jornalismo foi planejado e desenvolvido com a classe multisseriada de 3º a 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora da Conceição, localizada na Vila Caturrita, região periférica de Santa Maria (RS).

A EMEF Nossa Senhora da Conceição atende crianças da comunidade em turmas multisseriadas, de 1º a 5º ano, maternal, pré A e pré B, sob o comando da diretora Valéria Haag.

Assim como a dramaturgia precisa de seus personagens, heróis e vilões, um projeto também precisa do seu protagonista, a comunidade. Dentro deste ambiente escolar, nota-se a presença ativa da comunidade, como avós, pais, irmãos, primos, alunos e ex-alunos que conservam um vínculo familiar com a instituição.

Na escola, são realizados projetos sociais de entidades filantrópicas da cidade, com intuito de desenvolver atividades recreativas e educativas com as crianças, devido ao seu contexto de baixa renda, e com pouco acesso à informação e tecnologia. A escola recebe doações que desempenham papel fundamental na vida escolar dos alunos, como livros, materiais escolares, alimentos, e ainda, atenção e afeto. A ideia de pertencimento e identificação dos

moradores com a comunidade é absolutamente visível na participação dos mesmos no dia a dia e nas atividades comunitárias, enfatizando e sustentando a ideia de garantia da cidadania.

Atuar na interface da comunicação e da educação favorece a construção de uma consciência crítica desde o processo de interação, elaboração e gravação e do produto experimental. Entende-se que ela pode servir para o desenvolvimento de atores sociais e da cidadania por meio de atividades que instiguem a capacidade crítica dos indivíduos de modo a inseri-los na discussão de temas sociais que dizem respeito ao cotidiano dos mesmos nas comunidades. Cotidiano este, que reflete as camadas profundas da exclusão social.

Em tal cenário, a proposta de criação da radionovela deu-se a partir do interesse em conhecer melhor os processos de comunicação ligados à mídia rádio e, na intencionalidade de aproximar a comunicação midiática do cotidiano das crianças de modo lúdico.

A escolha por essa mídia justifica-se pela importância de resgatar modos analógicos de produção radiofônica e da nova experiência proporcionada aos alunos da escola, abordando temas atuais como a tecnologia e os smartphones, além de trabalhar com o imaginário infantil e tirar os alunos da zona de conforto.

O projeto executou dinâmicas educativas, abordando conceitos ligados à comunicação e suas delimitações, visando instigar a criatividade dos alunos na criação de uma história direcionada às vivências dos mesmos na comunidade. Observou-se em todo o processo de produção da radionovela, as diferentes formas de interação das crianças com o meio escolhido, a interface da comunicação com a educação no cotidiano dos alunos e, fundamentalmente, o modo de inserção de suas próprias histórias nas narrativas construídas.

O trabalho desenvolvido com base na observação participante possibilitou a aproximação com os alunos na produção da radionovela, a partir das vivências contextualizadas nas abordagens dinâmicas, tais como a construção de uma

história por recortes de revistas ou o exercício da escolha através da votação coletiva. A inserção destas dinâmicas da análise de comportamento dos alunos em relação às atividades propostas. Através da experimentação de diferentes abordagens, pode-se perceber qual método teria melhor resultado a turma, o método tradicional pedagógico já exercido em aula ou se seria necessária a inserção de atividades didáticas e rodas de conversas.

Para Peruzzo (2006, p.131), a observação participante na área da Comunicação Social “adquire três finalidades, entre elas, a de observar fenômenos importantes ligados a experiências populares de comunicação voltadas para o desenvolvimento social”. O projeto experimental da radionovela *O Tempo Voa* foi desenvolvido, portanto, em colaboração com os alunos da EMEF Nossa Senhora da Conceição, o que possibilitou-lhes ocupar seu lugar de fala como sujeitos, exercer a liberdade de opinião e a visibilidade das temáticas sociais. Desta forma, as crianças puderam se apropriar de uma ferramenta midiática, o rádio, como protagonistas e produtoras de cultura.

## **1 Mídias na educação**

Em tese, um novo desafio para a comunidade escolar é a integração das mídias ao ambiente escolar, onde a premissa da educação é formar e construir a consciência crítica do ser humano. Para isso, faz-se necessário vincular a transmissão de informações às novidades tecnológicas em sala de aula, uma vez que, não raro, esse aprendizado se dá de forma eficaz fora do ambiente escolar, a partir do acesso aos aparatos tecnológicos disponibilizados na vida cotidiana da sociedade.

Para Moran (2007, p.164), a educação para a comunicação precisa da articulação de vários espaços educativos mais ou menos formais: educação ao nível familiar, trabalhando a relação pais-filhos com a comunicação, seja de forma

esporádica ou em momentos privilegiados ou, ainda, em cursos específicos. A relação comunicação-escola é uma relação difícil e, muitas vezes, conflituosa, mas absolutamente necessária para o enriquecimento de ambas, numa nova perspectiva pedagógica, mais rica e dinâmica. É preciso considerar que existe comunicação na comunidade e que ela não passa necessariamente pelos meios tradicionais.

Supôs-se, durante muito tempo na sociedade, que as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC'S) acabariam com a existência e a funcionalidade do meio predecessor, substituindo-os, como por exemplo, os livros, com a ascensão do cinema. Mais ainda com a expansão da internet, que modificou todos os campos que ela foi inserida. Mas, na verdade, não foi isso o que aconteceu, os meios se adaptaram e se incorporaram as NTIC'S. Como afirmam Braga e Calazans, o que observamos foi

[...] uma sociedade moderna ampliando e diversificando suas possibilidades de interação mediatizada (...) que vão compondo ao lado do livro e do jornal um conjunto crescentemente complexo. Pois, cada componente deste conjunto viabiliza uma determinada variedade de produtos e processos (2001, p.19-20).

A partir disso, a situação de uma determinada comunidade e a percepção do seu cotidiano pode ser interpretada concomitantemente com os processos de comunicação que ocorrem nela. Deste modo, é possível - por meio da educação para a comunicação - a busca de novos conteúdos e de novas relações que resultem em novas formas de expressão e comportamento.

No primeiro encontro, com os alunos da Escola Nossa Senhora da Conceição, tomou-se conhecimento, através de uma conversa, de quais mídias todos tinham mais entendimento. A internet e a televisão foram unanimidade nas respostas. Então, a partir deste contexto, procurou-se desconstruir a visão de que

apenas as duas mídias eram existentes. O rádio foi apresentado como uma “nova” ferramenta comunicacional, para que o processo de construção compartilhada pudesse ser iniciado com maior compreensão. Para a elaboração em conjunto da radionovela, fez-se necessário uma explicação sobre rádio e radionovela, construída através de um bate-papo dentro da sala de aula, com a finalidade de que os alunos entendessem o que era o rádio no Brasil, o que era uma radionovela e como ela era produzida, gravada e divulgada.

Portanto, pode-se identificar, além da facilidade de abordagem das novas mídias no processo de aprendizagem, maior interação entre professores e alunos, e também entre os próprios alunos, em sala de aula, através de trabalhos integrados, que possibilitaram o uso dos meios comunicacionais em conjunto, incentivando a cooperação e sociabilidade entre os discentes. Por isso, considera-se o uso das mídias um processo facilitador nas ações didáticas-pedagógicas, com a finalidade de dinamizar e aprimorar os estudos e a rotina de aprendizagem escolar.

## **2 Produção da radionovela**

A escolha do projeto experimental em Jornalismo deu-se por meio do interesse da dupla, Caroline Comassetto, em desenvolver um produto ligado a rádio e do interesse da aluna, Luiza Rorato, em desenvolver um projeto na comunidade, onde já realiza trabalho voluntário.

Em uma orientação, a dupla decidiu unir as ideias e produzir uma radionovela, em colaboração com os alunos da Escola Nossa Senhora da Conceição, na Vila Caturrita, ligando a comunidade escolar à comunicação. Apesar de escola ter duas turmas multisseriadas, uma de 1º e 2º ano e outra de 3º a 5º, optou-se por desenvolver e trabalhar a radionovela com os alunos mais velhos,

de 10 a 13 anos, visando a maturidade exigida na demanda do projeto experimental.

A fim de adaptar as questões sobre rádio e radionovela para os alunos da escola foi realizada, de maneira pedagógica, um diagnóstico acerca do tipo de mídia os alunos tinham conhecimento e o que era interesse de todos. A **primeira etapa** foi dedicada a uma pesquisa de campo. Realizou-se a visita na Escola para a apresentação do projeto para a diretora Valéria Haag e também um bate-papo com os alunos sobre a execução do trabalho, radiodifusão, radionovela, som no rádio, e um possível tema para a história. Na conversa, as crianças mostraram-se bastante receptivas à ideia e ao tema, além da nova experiência de contar uma história de uma forma, até então, desconhecida.

Na **segunda etapa**, foi apresentada para a turma uma radionovela, também produzida por alunos de uma escola do estado de São Paulo, chamada “O gigante egoísta”, para que eles pudessem ter conhecimento do que seria trabalhado. Após este momento, foram apresentados os conceitos do lead jornalístico, (o quê, quem, quando, porque, como e onde) usado para a construção da notícia, com a finalidade de instigar a imaginação para a construção da primeira parte do roteiro. Os alunos receberam, então, revistas para recortes, em que eles deveriam representar em imagens as sugestões de personagens, conflitos, enredo e indicações de sonoplastia para a elaboração da narrativa. Através desta dinâmica, foi selecionado o tema principal da radionovela e sugerido pelos alunos que a história fosse contada ao longo de um período de tempo: uma vida. Com auxílio da professora Maria Helena Nunes, alguns escreveram estórias, que deram origem a conflitos e diálogos para a narrativa. O tema escolhido pela turma faz referência às consequências da tecnologia e dos smartphones no cotidiano de um casal ao longo da vida da filha. Assim, originou-se o roteiro da radionovela *O Tempo Voa*.

Na **terceira etapa**, deu-se a continuação da primeira dinâmica, que resultou na definição dos personagens principais: pai, mãe, filha, cachorro e gato, e também no local onde a história se passa, além da definição do conflito: a falta de atenção dos pais e a passagem do tempo, a solução e os sons a serem produzidos durante a narração. Todos os processos foram realizados através de conversas, e de dinâmicas de criação e votação.

Na **quarta etapa**, foi finalizada a construção do roteiro. Todas as informações, ideias e trabalhos construídos foram reunidos, analisados e concluiu-se, então, o roteiro da radionovela "*O Tempo Voa*".

Na **quinta etapa**, quatro alunos foram selecionados pela professora, pela boa dicção e leitura para representar os personagens da história, além da leitura, finalização e ajustes finais do roteiro em sala de aula. Na aula seguinte, a turma recebeu o roteiro da radionovela, elaborado pelas acadêmicas de Jornalismo, Caroline Comassetto e Luiza Rorato para uma pré-leitura.

No dia 25 de outubro de 2018, realizou-se a **sexta e penúltima etapa** da radionovela com os alunos da Escola Nossa Senhora da Conceição: a gravação. Os alunos Kémerlyn, Ana Cassiane, Cristhofer e Ruthiele, participaram da gravação da radionovela no Laboratório de Produção Radiofônica (Lapra) dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Franciscana. Os alunos atuaram como personagens, além de ajudarem a produzir a sonoplastia.

A narrativa acontece em quatro capítulos de até cinco minutos, e conta a história de Kethelen, uma menina que se muda do interior para a cidade com os pais e com os animais de estimação, pois, o casal conseguiu empregos melhores. Com isso, a renda da família aumenta e Alex e Denise, pais de Kethelen, conseguem comprar um smartphone cada um. A partir disso, a vida da família gira em torno do que acontece nas redes sociais e nos aplicativos dos telefones. A filha, passa por alguns conflitos durante a vida, mas os pais não se fazem presentes, pois estão ocupados demais atualizando os jogos e as fotos na internet. Até que,

já adulta, Kethelen decide visitar a casa dos pais e diante da nova situação-problema, acontece a reconciliação.

Em todas as etapas, percebeu-se a inserção das vivências sociais de cada aluno participante, com sugestões relacionadas ao dia a dia na comunidade e questões frequentes entre os próprios alunos. Sabe-se que as crianças da comunidade estão expostas a uma vulnerabilidade e sociabilidade muito densa e extensa, e que essa configuração modifica e reflete no comportamento dos alunos em sala de aula. Para adentrar no contexto educacional, os professores têm dificuldades em inserir valores básicos, que deveriam ser aprendidos em casa e, também, noções básicas de cidadania. No seguimento da radionovela dentro da sala de aula, percebeu-se uma grande interação das crianças ligadas ao que é ético em sociedade, dos valores comuns do ser humano, como não roubar, não matar e ser educado com o próximo.

Após o encerramento das atividades práticas com os alunos, seguiu-se o cronograma de atividades, com a edição da radionovela. Esta, foi dividida em três partes: a primeira dedicada aos cortes e construção do material da radionovela, a segunda para a construção da sonoplastia e a terceira para a finalização da radionovela.

### **3 A apresentação da radionovela**

Na **sétima e última etapa**, foi realizada a apresentação da radionovela para a turma. O encontro ocorreu no final de novembro de 2018, na sala de aula, acompanhado de um lanche coletivo. Nesta ocasião, os alunos puderam ouvir o trabalho finalizado, junto com a professora Maria Helena Nunes e a diretora da escola Valéria Haag. Atenta, a turma ouviu a narrativa em silêncio, durante os quase cinco minutos de duração da radionovela. Logo, surgiram comentários sobre ouvirem suas próprias vozes, assim como o nome de cada um sendo citado

ao final da radionovela. As acadêmicas realizaram a entrega de pirulitos com recadinhas para cada aluno, em forma de agradecimento pela participação engajada de todos no projeto, além de entregarem também duas cópias, em CD, da radionovela para o arquivo da escola.

Ao final, todos posicionados em roda, ainda impactados pela experiência de se ouvirem em um aparelho de rádio e reconhecerem o próprio trabalho, os alunos puderam discutir suas impressões sobre a radionovela. Tudo foi sendo compartilhado e lembrado com os colegas: a diversão das dinâmicas em aula, o dia da gravação no estúdio de transmissão radiofônica, a produção dos efeitos sonoros, a experiência de ouvir a história idealizada por eles, as discussões para a escolha dos nomes dos personagens, a leitura do roteiro, as risadas dadas em aula para definir os efeitos sonoros, enfim, todos os momentos que construíram a narrativa. Questionados pelas acadêmicas sobre o contentamento com o projeto, a turma, em unanimidade, concordou que estava satisfeita com o produto final que foi apresentado, além de se revelarem motivados para produzir trabalhos semelhantes no futuro e empolgados para divulgar a radionovela, inclusive para suas próprias famílias. Acerca disso, a turma pode, além de ouvir, lembrar os processos de produção e as dinâmicas desenvolvidas que deram origem a radionovela *O Tempo Voa*.

### **Considerações finais**

A escola, enquanto organização social, tem como uma de suas funções auxiliar na formação cidadã do indivíduo para a sociedade, por isso, caracteriza-se o processo de produção da radionovela como educomunicação. Visto que este projeto não só relaciona os conceitos de educação e comunicação, mas também, reconceitualiza a relação entre os dois, direcionando-os para uma educação cidadã emancipatória, conforme Soares (2000, p.11). Ou seja, é mais do que

apenas educação e comunicação juntas, mas a ação social que resulta nesses dois conceitos. Assim, torna-se uma prática que possibilita novos aprendizados na escola e a formação de opinião crítica.

Acredita-se que a educação não pode ser abordada dentro de sala de aula de uma forma única e exclusiva, sem a inserção de novos processos educativos e tecnológicos, pois é importante criar uma nova concepção a partir dos avanços educacionais, em que esta união possibilita um ensino mais prazeroso e significativo. Por isso, a importância de aliar conhecimentos de sala de aula com a vida cotidiana das crianças.

Para observar os diversos fenômenos encontrados dentro de sala de aula, nos processos de interação, optou-se por analisar metodologicamente o contexto através da observação participante, para que a construção colaborativa da radionovela pudesse, além de diversificar os projetos com a Escola, contribuir para ampliar a visão de mundo dos participantes. Utilizar dinâmicas educativas e o rádio como meio para estabelecer um vínculo com a turma, contribuiu para perceber algumas necessidades dos alunos, os assuntos que são pauta entre as crianças, e como eles definem o que é certo e errado a partir dos exemplos ao seu redor, em casa, na escola, na rua. Desta forma, a radionovela torna-se um instrumento educativo no contexto social da turma.

Contudo, pode-se perceber o interesse e a curiosidade dos alunos por esse meio de comunicação e seus processos, além do empenho dos alunos em relação às histórias construídas, que buscavam o diálogo, a troca, o engajamento e a participação dos estudantes em todas as atividades propostas. Como a produção do som, por exemplo, estimulando o imaginário dos alunos e criando os detalhes da história na mente de cada um, tornando mais fácil compreender a relação entre este público, seu contexto social e o rádio.

Ao averiguar os resultados obtidos no experimento, é possível perceber que existem ainda muitos empecilhos para trabalhar a inserção das mídias dentro de

sala de aula, porém, o desafio é válido e possível. Acredita-se que a inserção do aluno em ambientes inexplorados, seja uma forma motivadora de fomentar e instigar os estudantes para que eles conheçam as diversas facetas da educação e suas circunstâncias, e sejam cada vez mais os atores das suas próprias vidas, com senso crítico e argumentativo.

Entende-se, portanto, que a utilização de uma mídia (o rádio) neste processo se fez imprescindível para que, além de exercitar novas linguagens e novas maneiras de fazer comunicação, o projeto motive e estenda a relação do aluno com o universo das novas mídias, forme conceitos que podem ser adaptados para a sala de aula, sem deixar de lado as circunstâncias da comunidade.

Assim, este projeto destaca-se pelo caráter experimental que fez o resgate da utilização dos efeitos sonoros produzidos sem auxílio das TICs, aliando a criatividade, a cooperação e o envolvimento da turma, além de aproximar a relação pesquisador-aluno, auxiliar na construção do conhecimento de cada um e, por fim, valorizar o direito de escolha e da liberdade de expressão dos alunos durante o desenvolvimento da radionovela.

## Referências

BRAGA, José Luiz e CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação**: questões delicadas da interface. São Paulo: Hacker, 2001.

MORAN, José. **Desafios na Comunicação Pessoal. As mídias na educação**. 3a Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

PERUZZO, C. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (org). **Métodos e Técnicas da Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Atlas, 2006. cap.8, p.131.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação, um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. São Paulo, v. VII, n. 19, p. 12-24, 2000.



ISSN: 2446-5542

<http://revistas.fapas.edu.br/index.php/anaiscongressoie>

## REFLEXOS DO ENSINO APRENDIZAGEM NO MESTRADO DE ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS DA UNIVERSIDADE FRANCISCANA: A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Bruno Cesar Ribeiro\*

Carlos Alberto Coletto Bürger\*\*

Taís Steffenello Ghisleni\*\*\*

**Resumo:** Os processos de ensino utilizados muitas vezes não têm alcançado a eficiência desejada e isso se reflete nos dados apresentados pelo INEP. Para tentar mudar esse processo o Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens – MEHL busca através do uso da metodologia educomunicativa discutir novas formas de promover a aprendizagem. O objetivo deste trabalho é comentar os reflexos do ensino nesse, com ênfase para a disciplina de educomunicação. Para isso, são abordados conceitos ligados à educomunicação e seus processos, estratégias de ensino/aprendizagem e uma apresentação do curso que traz um relato de atividades que estão sendo desenvolvidas neste contexto educomunicativo. A pesquisa, de característica qualitativa, foi exploratória e descritiva e mostra como a teoria ensinada em sala de aula está refletida na prática dos discentes.

**Palavras-chave:** Estratégia. Educomunicação. Micro conteúdos

\* Produtor audiovisual. Mestrando em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana. Bolsista Capes. E-mail: brunocribeiro01@gmail.com

\*\* Publicitário (UFN). E-mail: hcoletto@gmail.com

\*\*\* Doutora em Comunicação. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda e do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: taisghisleni@yahoo.com.br

## REFLEXES OF TEACHING LEARNING IN THE MASTER OF TEACHING OF HUMANITIES AND LANGUAGES OF THE FRANCISCAN UNIVERSITY: THE RELATION THEORY AND PRACTICE

**Abstract:** The teaching processes used have often not achieved the desired efficiency and this is reflected in the data presented by INEP. In order to try to change this process, the Master in Teaching Humanities and Languages - MEHL seeks through the use of the methodology educative to discuss new ways to promote learning. The objective of this work is to comment the reflexes of the teaching in this, with emphasis to the discipline of education. To this end, concepts related to education and its processes, teaching / learning strategies are approached and a presentation of the course that brings an account of activities that are being developed in this education context. The qualitative research was exploratory and descriptive and shows how the theory taught in the classroom is reflected in the students' practice.

**Keyword:** Strategy. Education. Micro contents

### Introdução

Discussões sobre os problemas que circundam a educação no Brasil são percebíveis a mais de uma década. Tais discussões sejam em ambiente acadêmico ou mesmo em conversas de grupos de amigos acabam por ser justificadas ao se observar os números divulgados pelo censo escolar em 2017. Semis (2018) relata que a reprovação no 3º ano do Ensino Fundamental foi de 11% em 2017. Além de uma queda de pelo menos 1,8 milhão de matrículas no fundamental, índice que se repete no censo feito em 2018 (INEP, 2019).

Nessas discussões é comum observar apontamentos dos mais diversos culpados que perpassam por ideologias políticas, falta de investimento em educação, estrutura das escolas, falta de vontade dos alunos e professores e também sobre as metodologias de ensino utilizadas. Seria arrogância de qualquer pesquisador tentar definir um único culpado, mas o que podemos pressupor a respeito desse cenário ao observar as os números do INEP é que a forma como o

ensino vem sendo estruturado nas escolas, não tem alcançado todo potencial que poderia ter.

O processo no qual os docentes trabalham como emissores e os discentes absorvem o que é dito com o mínimo de interação tem como resultado estudantes que demonstram desinteresse em aprender (FARDO, 2013), A geração dos “nativos digitais” (CARNIELLO; RODRIGUES; MORAES, 2010) já domina os parâmetros tecnológicos e isso lhes oferta a possibilidade de aprender no momento que uma situação se apresentar, o que diverge da didática tradicional que utiliza cadernos livros e lousa. Tal divergência pode afetar a motivação dos alunos em aprender, e como já refletido por Moraes e Varela (2007), a motivação tem influência direta no aprendizado e ao aprender é possível manter motivado para continuar aprendendo. A partir disso é possível compreender duas premissas que resulta nos nossos problemas educacionais, o primeiro é que os alunos atuais não se sentem motivados a aprender e a segunda é que o processo educativo atual não consegue motivar uma parcela dos alunos efetivamente.

Nessa realidade, o trabalho que aparenta ser mais efetivo para reverter esse cenário é a atualização dos métodos de ensino dos professores e por isso esse trabalho buscou observar como o Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens – MEHL da Universidade Franciscana – UFN realiza em suas disciplinas o uso de metodologias ativas, para demonstrar aos seus alunos formas de ensinar tornado aos alunos participantes ativos em todo processo.

Uma dessas novas metodologias é a educomunicação, que busca unir os conhecimentos da comunicação com o ensino/aprendizagem com o aluno sendo parte integrante ativa de todo processo de construção do conhecimento (SOARES, 2000). Já é possível observar a relevância dessa metodologia no momento que foi observado que o mestrado possui uma disciplina de 4 créditos semanais voltada a ela.

Com base no contexto exposto, essa pesquisa tem como objetivo geral comentar os reflexos do ensino no Curso de Mestrado em Ensino de Humanidade e Linguagens – MEHL da Universidade Franciscana – UFN, com ênfase para a disciplina de educomunicação. Para isso, ela foi dividida em três etapas: a primeira será abordar conceitos ligados à educomunicação e seus processos, em um segundo momento apresentação de conceitos ligados as estratégias de ensino/aprendizagem nas quais os processos de educomunicação poderá intervir, e por fim, na terceira etapa, a apresentação do MEHL junto ao relato de atividades que estão sendo desenvolvidas neste contexto educacional.

As circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são as essenciais para que se possa entendê-lo, e, neste caso, os pesquisadores deste projeto mantêm um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente e isso significa que são muito influenciados pelo seu contexto. Assim, essa pesquisa tem natureza qualitativa, exploratória e descritiva. Michel (2015, p. 40) reforça que “a pesquisa qualitativa se propõe a colher e analisar dados descritivos, obtidos diretamente da situação estudada; enfatiza o processo mais que o resultado, para o que precisa e retrata a perspectiva dos participantes”. Assim sendo, a finalidade aqui não é mostrar opiniões e nem pessoas, mas sim explorar como o assunto estudado vem sendo trabalhado dentro do contexto delimitado.

## **1 Educomunicação como estratégia de ensino aprendizagem**

Dizer que o surgimento e a popularização da internet acabaram transformando a forma como nos relacionamos na sociedade, acaba por ser uma verdade auto evidente. Um dos campos que vem passando por essas modificações diz respeito ao ensino. É preciso ter claro a diferença entre ensino e educação. Segundo Morin (2003) educação é algo amplo, que está ligado ao

desenvolvimento dos seres humanos, incluindo aspectos humanos e sociais. Já o ensino está conectado com a transmissão de conhecimento cognitivo, no qual, o aluno compreenda e assimila informações. Para Soares (2000) cerca de 60% do ensino no país passará a ser ministrado fora dos ambientes tradicionais, ou seja, inteiramente através do ciberespaço. Assim passa a ser relevante observar às condições que os professores têm de conviver e operar este novo *modus comunicandi*, proveniente das interações inerentes as comunidades virtuais.

Soares (2000) ainda ressalta a necessidade de discutir sobre os novos paradigmas da educação em contraponto com os modelos tradicionais e sua associação com o mundo da informação e sobre o papel que o professor deverá assumir, onde, ou eles conseguem decifrar o que está ocorrendo e se preparam para desempenhar seu papel no processo ou serão substituídos por quem se disponha a servir o sistema que está sendo implantado. Dentro dessa perspectiva é preciso criar novos modelos de relação pedagógica e comunicativa onde mais que adultos ensinar aos jovens o que precisam aprender, eles precisam ensinar a aprender.

Segundo Alves (2015 p. 55) o grande desafio dos professores é fazer com que o conhecimento adquirido pelos alunos “passe da memória de curto prazo para a de longo prazo”. Para isso, a escolha de estratégia(s) de ensino/aprendizagem adequadas para cada contexto, é determinante.

Em tempos de profundas transformações sociais, numa era cada vez mais digital, o papel da escola vem se reformulando, para tentar evoluir e tornar-se capaz de desenvolver habilidades e competências de forma mais eficaz, na busca por um ensino aprendizagem de qualidade (SANTOS; GHISLENI, 2019, p. 3).

E, a partir da necessidade de um campo que englobe comunicação e ensino começou a ser constituído o campo da educomunicação definido por:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002a, p. 115)

Para reforçar a importância dessa inter-relação educação/comunicação Gutierrez com base no pensamento de Freire defendia que o “processo de comunicação é essencial à educação” e que “o processo de aprendizagem é autêntico quando se efetua uma mudança naquele que aprende. Por esse motivo a aprendizagem pressupõe a interação, o intercâmbio.” (GUTIÉRREZ, 1978, p. 33-39). Outro autor que reforça a necessidade de ampliar os paradigmas educacionais é Delors ao afirmar que:

Uma nova concepção ampliada da educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser (DELORS, 2003, p. 90).

A partir da definição do campo e da compreensão de sua necessidade, surge o papel do educador. Sujeito que cientes dos problemas da educação e das possibilidades tecnológicas disponíveis que realiza ações formadoras e de intervenção social ou profissional cujo fazer implique em um trânsito necessário e pertinente entre a Comunicação e a Educação (CITELLI, 2004). Para reforçar a importância do educador é possível observar a citação de Gaia ao dizer que:

Os professores precisam aprender a utilizar a mídia não como resolução dos problemas impostos pela prática didática, mas como proposta que traga uma fonte de aprendizado a mais para ser trabalhada em sala de aula. Esta visão implica ter uma atitude sem preconceito, não somente porque colabora para desnudar a noção de verdade perpassada pelas mídias e aceita por um expressivo número de cidadãos, mas também porque pensa esse fenômeno como parte da nossa realidade (GAIA, 2001, p. 35).

Após entender o que engloba o campo da educomunicação e papel do educador é necessário observar mais de perto a importância da comunicação nesse cenário, pois é a partir dela que se transmite o que se quer ensinar. Além disso, Schaun acrescenta que:

A comunicação está em tudo. Tudo é comunicação, transitando num pântano invisível, transparente, entre linguagens, palavras, discursos, sons, fala, imagens, narrativas, abrigando, ainda, a discussão de uma nova dimensão da realidade, propiciada pela velocidade da luz (SCHAUN, 2002, p. 30).

A multimodalidade da comunicação, descrita acima, ainda é um tema pouco utilizado pela educação, mas que já vem sendo destrinchado pela publicidade a fim de transmitir e fazer com que seus receptores retenham o máximo informação que desejam no curto espaço de suas mensagens publicitárias. É possível afirmar que esse é o desejo de qualquer bom professor, fazer com que seus alunos retenham a maior quantidade de informação que eles transmitam.

A partir desses argumentos é possível entender como a educomunicação que busca tornar os alunos parte ativa em todo processo educativo já tinha sua importância prevista por Levy ao afirmar que “é bem conhecido o papel fundamental do envolvimento pessoal do aluno no processo de aprendizagem. Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um

conhecimento, mas ela irá integrar-se e reter aquilo que aprender” (LÉVY, 1993, p. 40). Ao entender que a metodologia educacional agrega as características do que autores já citados percebem como fundamentais para melhorar o ensino/aprendizagem, se tem um argumento forte para que seja observada de forma estratégica.

Petrucci e Bastiston (2006) lembram que o termo estratégia esteve historicamente vinculado ao planejamento das ações militares, porém, na atualidade é termo foi absorvido por diversas áreas do conhecimento sendo muito usado em ambiente empresarial e de ensino. Ensinar requer arte por parte do docente, que precisa envolver o aluno e fazer com ele se encante com o saber.

O professor precisa promover a curiosidade, a segurança e a criatividade para que o principal objetivo educacional, a aprendizagem do aluno, seja alcançada. (PETRUCCI; BASTISTON, 2006, p. 263). Isso aliado ao fato de que as estratégias de ensino aprendizagem visam à realização de objetivos, e é preciso ter clareza sobre onde se pretende chegar. Lembrando sempre que “os objetivos que norteiam devem estar claros para os sujeitos envolvidos – professores e alunos – e estar presentes no contrato didático” (ANASTASIOU; ALVES, 2009, p. 77).

Segundo Mazzioni (2013) as estratégias de ensino aprendizagem que os docentes utilizam, devem ser capazes de motivar e envolver os alunos no processo de aprendizado.

O uso de formas e procedimentos de ensino deve considerar que o modo pelo qual o aluno aprende não é um ato isolado, escolhido ao acaso, sem análise dos conteúdos trabalhados, sem considerar as habilidades necessárias para a execução e dos objetivos a serem alcançados (MAZZIONI, 2013, p. 97).

Existem várias estratégias de ensino aprendizagem dentre as quais cada uma favorecerá uma ou mais habilidades por seus alunos, e, com base nessas “habilidades” aliadas aos conhecimentos que os docentes do MEHL precisam

transmitir, somados ao entendimento das características do grupo de alunos, é que são escolhidas as estratégias de ensino aprendizagem que potencializam o aprendizado dos mestrandos do MEHL.

## 2 Mestrado em ensino de humanidades e linguagens - MEHL

O Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - MEHL, é o programa mais recente de pós-graduação *Stricto Sensu* a ser lançado pela Universidade Franciscana – UFN. Seu relatório geral de proposta de programa (nº 1198), que foi encaminhado para a Coordenação de Apoio ao Ensino Superior – Capes, em 30 de julho de 2015 e aprovado em 15 de fevereiro de 2017 pela portaria nº 259 do MEC (BRASIL. Ministério da Educação, 2017).

O MEHL tem como objetivo “qualificar professores em ensino [...] a pesquisa e prática docente, [...] por meio de investigações referentes aos conteúdos e aos processos de ensino e aprendizagem [...], de modo a [re]significar e contribuir para a transformação do ensino [...]” (UNIVERSIDADE FRANCISCANA, 2015, p. 15). Esse curso tem a duração prevista de quatro semestres e sua estrutura conta com duas linhas de pesquisa, que pode ser encontrada no site do programa como ilustra o Quadro 1.

Quadro 1 – Linhas de pesquisa vinculadas ao MEHL

<b>Ensino, epistemologias e formação docente</b>	Desenvolve investigações sobre epistemologias do ensino, políticas e gestão educacional sobre a formação inicial, continuada e em serviço de docentes e suas relações com as práticas docentes em espaços formais, não formais e informais de ensino. As análises realizadas nesta linha de pesquisa evidenciam o diálogo multidisciplinar entre as humanidades e linguagens nos processos de ensino e aprendizagem.
<b>Ensino e práticas docentes</b>	Contempla investigações relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem de humanidades e de linguagens. A ênfase das pesquisas está na criação, desenvolvimento,

	utilização de tecnologias e mídias, estratégias e metodologias dinamizadoras do ensino em ambientes formais, não formais e informais em vista da transformação da prática docente.
--	--

Fonte: Disponível em: <http://www.ufn.edu.br/site/ensino/mestrado/mestrado-em-ensino-de-humanidades-e-linguagens/linhas-de-pesquisa> Acesso em: 29 mar. 2019.

A linha de pesquisa Ensino, epistemologias e formação docente, “propõe um conjunto de estudos que contempla a análise e a reflexão de bases epistemológicas [...], inter-relaciona os saberes docentes na criação de produtos e processos interativos para o desenvolvimento de uma prática inovadora e dinamizadora, qualificando docentes para contribuir na [re]significação e transformação no ensino de humanidades e de linguagens.” (UNIVERSIDADE FRANCISCANA, 2015, p. 13). Já a linha de pesquisa Ensino e prática docentes, enfatiza pesquisas “na criação, desenvolvimento, utilização de tecnologias e mídias, estratégias e metodologias dinamizadoras do ensino [...] em vista da transformação da prática docente” (UNIVERSIDADE FRANCISCANA, 2015, p. 13).

De acordo com as linhas de pesquisa, fica evidente a necessidade do programa em trabalhar a multidisciplinaridade, para atender as necessidades de seus mestrandos. Outro fator que favorece o MEHL é o currículo inovador, que possui disciplinas fundamentais para solidificar os conhecimentos teóricos/reflexivos, como as disciplinas: de Fundamentos epistemológicos; Teorias de ensino e aprendizagem; e Formação da prática docente. Como disciplinas que buscam trazer um repertório tecnológico e inovador para seus formandos, como: Linguagens e tecnologias aplicadas ao ensino e Educomunicação. O que acaba refletindo inclusive nos alunos que procuram o curso, fora os alunos de pedagogia e licenciaturas (o que é esperado em um mestrado em ensino). A proposta do MEHL vem atraindo alunos com formação em outras áreas do conhecimento, como: comunicação, direito, psicologia, moda...etc.

E atentos a isso, os professores do MEHL buscam se apropriar o das estratégias ensino/aprendizagem, trabalhando de forma integrada e multidisciplinar. O que vem gerando diversas atividades educacionais por partes dos mestrandos em sintonia com as outras disciplinas do programa. Um exemplo desse tipo de trabalho, foi realizado por um aluno do mestrado, hoje já mestre, em 2018, no qual sua pesquisa de dissertação (RUSSINI, 2018) identificou a necessidade de elaborar um produto de mídia (vídeo), para ser utilizado em escolas no ensino fundamental, com objetivo despertar a atenção para o período da Idade Média em um contexto multidisciplinar, contemplando as características históricas e geográficas da temática do feudalismo.

Esse recurso poderá ser utilizado por professores de Geografia e História que desejarem realizar uma aula expositiva para trabalhar com a temática do feudalismo, pois o vídeo pode agir como incentivador para se iniciar um debate com os alunos, o que pela ótica educacional torna a aula um processo mais ativo aos alunos e contribui para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Na Figura 1 podemos ver algumas cenas do vídeo que é resultado da dissertação de Russini (2018).

Figura 1 – *Prints* do produto audiovisual denominado: uma história feudal



Fonte: RUSSINI, A.; BECKER, E. L. S.; GHISLENI, T. S. (2018). Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/206883>Acesso em 25 mar. 2019.

O vídeo foi bem recebido pelos professores do ensino fundamental, e devido a isso, no final de 2018, foi solicitado pela coordenação do MEHL, uma nova etapa ligada à proposta inicial, que foi a adaptação de conteúdo do vídeo, para

que ele se torne um livro impresso, com previsão de lançamento na Feira do Livro de Santa Maria em 2019.

Outro exemplo que pode ser mencionado, e está inserido na temática educunitativa, aconteceu para ampliar o conhecimento dos participantes da disciplina de Linguagens e Tecnologias aplicadas ao Ensino na forma de um workshop apresentando o conceito e formas de construir micro conteúdos digitais voltados a educação. No primeiro momento do workshop foi apresentado os conceitos que tangem o cenário em que os microconteúdos estão inseridos e suas possibilidades de apresentação, que são classificados em mais de 20 tipos e podemos exemplificar os mais conhecidos como: *Meme, gif, podcast, micro vídeo, infográfico e charge*. Então foi apresentado aos alunos softwares e aplicativos de celular gratuitos que os auxiliariam na construção desses materiais. No segundo momento foram divididos em duplas e então convidados a desenvolverem seus próprios micro conteúdos, e, para isso, foi disponibilizado aos alunos, um e-book produzido pelos ministrantes do workshop, que continha, além dos conceitos, tutorias de todos os aplicativos apresentados para motivar os participantes a tentar. A Figura 2 traz exemplos de dos materiais desenvolvidos pela turma.

Figura 2 – Micro conteúdos desenvolvidos pelos alunos



Fonte: Arquivos da disciplina, elaborado por Bassoto e Prieto (2018) e por Teles (2018).

Um resultado posterior ao workshop pode ser observado quando alunos que participaram fizeram uso de micro conteúdo em outras disciplinas, e inclusive em suas atuações ligadas à docência orientada. Isso demonstrou uma boa

aceitação do formato nos permitindo ponderar que não utilizavam antes, apenas por desconhecerem a possibilidade. Ademais é possível detectar no workshop o uso de duas estratégias de aprendizagem.

A primeira foi um mapa conceitual, que buscou estruturar um processo que justificava a melhor forma de construção do material, pois durante a parte prática foi observado que os alunos tentaram criar direto nos softwares, pulando os passos do processo de escolha do tema, delimitação do tema, definição do público e escolha do formato, O que acarretou em uma dificuldade inicial de criação que foi minimizada após a utilização do mapa conceitual. A segunda foi uma aula expositiva, onde os alunos defenderam seus trabalhos, e interpelados pelo professor, justificaram suas escolhas.

A divulgação de pesquisas científica é uma discussão constante na academia, ciente dessa realidade, a partir da disciplina de Educomunicação que defende essa inclusão participativa e como forma de pôr em prática o que é apresentado na disciplina foi feito um *BrainStorm* (tempestade cerebral) para debater qual seria a melhor forma de promover essa divulgação de pesquisas. Como resultado foi desenvolvido o projeto denominado “Programa MEHL” que consiste em programetes de rádio no formato de *podcast*\* de 1 a 2 minutos, onde em cada programa um dos alunos do curso que já finalizaram sua dissertação são convidados a falar sobre sua pesquisa e qual o impacto social que elas podem promover. Para facilitar a fala dos pesquisadores foi construído um modelo de roteiro estrutural para seguirem na hora de construírem sua fala para gravação dos programas. A Figura 3 ilustra as imagens que serviram como capa para os dois primeiros episódios do *podcast* que já foram publicados.

---

\* Um Podcast é um arquivo de áudio que pode ser ouvido online ou baixado para ser ouvido em qualquer lugar, sendo que cada programa do mesmo podcast é chamado de episódio Moura e Carvalho (2006).

Figura 3 – Imagem dos podcasts (mestres do MEHL)



Fonte: (MESTRADO DE ENSINO DE HUMANIDADE E LINGUAGENS, 2019).

O roteiro disponibilizado aos mestres está organizado para que inicialmente o convidado do programa se apresente, retome qual a sua graduação e, em seguida, fale sobre a sua pesquisa e quais os impactos que ela possui. Para divulgação se optou por publicar, em um primeiro momento, os programas na página do MEHL na rede social Facebook. Futuramente a publicação pode aparecer em outras mídias e também no site institucional da Universidade Franciscana - UFN na parte específica do mestrado.

A gravação dos programetes tinha inicialmente como público os alunos do mestrado para que pudessem conhecer as pesquisas realizadas pelos seus colegas e para pessoas com interesse em ingressar no curso, mas esse público já foi expandido a partir do momento que familiares dos mestres, que realizaram a gravação, passaram a compartilhar o material para demonstrar o carinho e orgulho que sentiam pelo graduado.

Devido a esse apelo do público, o MEHL vem trabalhando na elaboração de outros programetes, a fim de contemplar todas as pesquisas realizadas no programa de pós-graduação, porém, isso depende da disponibilidade de seus egressos, e de horários nos estúdios da instituição. O que acaba por gerar uma flexibilização na periodicidade de publicação dos próximos programas.

## Considerações finais

É um fato que o ensino vem passando por transformações, exigindo que a escola e a universidade tenham que se reinventar para atender a demanda e necessidades do novo contexto de aluno. Para isso, o MEHL, por meio de seu currículo e seus docentes vem trabalhando de forma integrada e multidisciplinar os contextos ligados as inclusões tecnologias digitais de comunicação e informação, e metodologias ativas, o que acaba por interferir diretamente no aprendizado de seus alunos (mestrandos).

Essas inclusões transparecem a partir das estratégias de ensino aprendizagem utilizadas pelos docentes nas mais variadas de disciplinas do curso, fazendo com que seus alunos se sintam à vontade e motivados para a utilização de conceito ligados a Educomunicação tanto para o seu auto aprendizado, quanto para aplicação em seu contexto de sala de aula, como professor. Isso gera, uma potencialidade exponencial de aprendizagem para eles (mestrandos) e seus alunos. Essa pesquisa coloca em evidência que o que ensinado é no MEHL por meio das suas disciplinas e outras atividades acessórias é aplicado na prática também pelos alunos e mestres aqui formados.

## Referências

ALVES, F. Gamification: como criar experiências de aprendizagem engajadoras: um guia completo: do conceito à prática. 2. ed. São Paulo: DVS Editora, 2015

ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 8. ed. Joinville, SC: Univille, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Reconhecimento de curso de pós-graduação nº 259**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 15 fev. 2017. Assunto: Portaria de Aprovação do Programa de Pós-Graduação MEHL.

BASSOTTO, B. A.; PRIETO, L. **Meme Lixo**. 2018. Publicado na pasta da disciplina Linguagens e Tecnologias Aplicadas ao Ensino do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens. Disponível em:  
<<https://drive.google.com/open?id=1rug2kvdPV3x4D78kXKBGLhaZCZoVu-wU>>.  
Acesso em: 28 mar. 2019.

CARNIELLO, L. B. C.; RODRIGUES, B. M. A. G.; MORAES, M. G. **A relação entre os nativos digitais, jogos eletrônicos e aprendizagem**. 3º Simpósio Hipertexto e tecnologias da educação. Disponível em:  
<<http://nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Luciana-BarbosaCarniello&Barbara-Alcantara-Gratao&Moema-Gomes-Moraes.pdf>>.  
Acesso em: 28 mar. 2019.

UNIVERSIDADE FRANCISCANA. **Dados da Proposta de Programa/Curso Novo. nº 1198**, Santa Maria, RS: Universidade Franciscana, 30 jul. 2015. Assunto: Relatório Geral enviado ao CAPES para autorização do Programa de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - MEHL.

CITELLI, A. O. **Comunicação e Educação**. A Linguagem em movimento. São Paulo, SENAC, 2004.

DELORS, J. **Educação**. Um tesouro a descobrir. São Paulo, Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

FARDO, M. F. A gamificação aplicada em ambientes de aprendizagem. **RENOTE – Revista de Novas Tecnologias na Educação**, 11(1). 2013. Disponível em:  
<<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/41629>>. Acesso em 29 mar. 2019.

GAIA, R. **Educomunicação & mídias**. Maceió: Edufal, 2001.

GUTIERREZ, F. **Linguagem Total**. Uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1978.

INEP - Instituto Nacional de Estudos de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar, 2018. Brasília: MEC, 2019. Disponível em:  
<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2018/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2019.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1993.

MAZZIONI, S. As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: Concepções de alunos e professores de ciências contábeis. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo – ReAT** | vol. 2 – n. 1 – jan./jun. 2013. p.93-109.

MESTRADO DE ENSINO DE HUMANIDADE E LINGUAGENS. **Programa MEHL – Cristiano Bittencourt**. Santa Maria, RS, 07 mar. 2019. Facebook: @MestradoemEnsinodeHumanidadeseLinguagens. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MestradoemEnsinodeHumanidadeseLinguagens/videos/1045520468972977/>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MESTRADO DE ENSINO DE HUMANIDADE E LINGUAGENS. **Programa MEHL – Isis Zanardi**. Santa Maria, RS, 26 fev. 2019. Facebook:@MestradoemEnsinodeHumanidadeseLinguagens. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MestradoemEnsinodeHumanidadeseLinguagens/videos/383675558878694/?t=54>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2015.

MORAES C. R. ; VARELA S. Motivação do aluno durante o processo de ensino aprendizagem. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano I, n. 01. 2007 Disponível em: <<https://www.unifil.br/portal/images/pdf/documentos/revistas/revista-eletronica/educacao/jul-dez-2007.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: Repensar a reforma, reformar o pensamento; Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOURA, A; CARVALHO, A. A. **Podcast**: Potencialidades na Educação. Revista Prisma.com, nº3, pp. 88- 110, 2006.

RUSSINI, A. **O ensino de Geografia e História na pós-modernidade**: os desafios e as possibilidades das multimodalidades e das tecnologias. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2018. Disponível em: <<http://www.tede.universidadefranciscana.edu.br:8080/handle/UFN-BDTD/656>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SANTOS, M. da C.; GHISLENI, T.S. Impactos da educomunicação na educação básica e a sua contribuição para a prática docente, **Research, Society And Development**, v.8, n.3, p. 10.33448, mar. 2019.

SCHAUN, A. **Educomunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SEMIS, L. Evasão: Censo Escolar revela “fracasso da escola”. 31/01/2018. Gestão Escolar: nova escola. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1935/evasao-censo-escolar-revela-fracasso-da-escola>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

SOARES, I. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, n. 19, p. 12-24, 30 dez. 2000.

SOARES, I. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, n. 23, p. 16-25, 30 abr. 2002.

SOARES, I. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002a.

TELES, D. **Meme Dissertação**. 2018. Publicado na pasta da disciplina Linguagens e Tecnologias Aplicadas ao Ensino do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens. Disponível em: <<https://drive.google.com/open?id=1ISWf9P8u4TY6vqTtgPwefJhpjw4iBDdo>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

PETRUCCI, V. B. C.; BATISTON, R. R. Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade. In: PELEIAS, I. R. (Org.) **Didática do ensino da contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2006.



ISSN: 2446-5542

<http://revistas.fapas.edu.br/index.php/anaiscongressoie>

## JORNAL ESCOLAR: A EDUCOMUNICAÇÃO COMO PERCURSO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

Cândida da Silva Benitez\*

Manuel Constantino Zunguze\*\*

**Resumo:** Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, tendo-se em vista a especificidade desse tipo de pesquisa: a observação e investigação de uma realidade que se pretende mudar e o planejamento e a execução de estratégias de intervenção que visem a provocar transformações nessa realidade. Desse modo, é objetivo desse estudo desenvolver a educomunicação para potencializar a formação de leitores através da criação de um jornal escolar. Para esse fim, a abordagem teórico-metodológica do presente trabalho divide-se em duas grandes partes. Na primeira, encontra-se a pesquisa bibliográfica dos assuntos relacionados ao tema, que configura o aporte teórico aplicado na esfera prática do estudo. Na segunda parte, encontra-se a proposta de intervenção implementada. Os resultados obtidos no presente trabalho evidenciaram que a educomunicação desencadeia o letramento digital dos alunos, o que é extremamente necessário na modernidade tecnológica. Também revelaram que o jornal escolar é uma ferramenta democrática de acesso à leitura e à escrita, além de excelente exercício de protagonismo juvenil. Além disso, demonstraram que a formação do leitor é um processo que se faz e refaz continuamente, desde que o aluno esteja em contato com diferentes formas de ler e escrever.

---

\* Mestranda em Educação e Tecnologia, pelo IFSUL (2019). Pós-graduada em Mídias na Educação, pela UFRGS (2018). Pós-graduada em Teoria e Prática da Formação do Leitor, pela UERGS (2017). Graduada em Letras, Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e respectivas literaturas, pela Faculdade Porto-Alegrense (2012). Atua como professora, Ensino Fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Antônio, em Pelotas (2018). E-mail: candida-dbenitez@educar.rs.gov.br.

\*\* Este artigo é oriundo de um TCC da Pós-Graduação em Mídias na Educação (UFRGS), orientado por Manuel Constantino Zunguze, doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: manuelzunguze@gmail.com.

**Palavras-chave:** Educomunicação. Jornal Escolar.

## SCHOOL NEWSPAPER: EDUCOMMUNICATION AS A ROUTE FOR TRAINING OF READERS

**Abstract:** This study is characterized as an action research, with a qualitative approach, considering the specificity of this type of research: observation and investigation of a reality that is intended to change and the planning and execution of intervention strategies aimed to cause transformations of that reality. In this way, the objective of this study is to develop the educommunication to potentiate the formation of readers through the creation of a school newspaper. To archive that, the theoretical-methodological approach of this research was divided into two main parts. In the first one, there is the bibliographical research of the subjects related to the theme, which configures the theoretical contribution applied in the practical sphere of the study. In the second part, the intervention proposal was implemented. The results obtained in the present work showed that the educommunication triggers the digital literacy of the students, which is extremely necessary in technological modernity. The research also revealed that the school newspaper is a democratic tool for access to reading and writing, as well as an excellent exercise of youth protagonism. In addition, the research demonstrated that the formation of a reader is an ongoing process that is continually done and reworked, as long as the student is in contact with different ways of reading and writing.

**Keywords:** Educommunication. School newspaper.

### Introdução

O tema desse estudo surgiu a partir de um curso promovido para professores, pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, Núcleo de Tecnologia da Educação (NTE), na cidade de Pelotas/RS, o qual teve como proposta o desenvolvimento de um Jornal Escolar com os alunos. Assim, o desafio profissional da pesquisadora transformou-se nesta produção. A pesquisa foi

realizada com duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola estadual, localizada na cidade de Pelotas/RS.

Com o intuito de promover uma intervenção em sala de aula através da pesquisa-ação, apresenta-se o problema desse trabalho: *De que forma utilizar a educomunicação como percurso para a formação de leitores através da criação de um jornal escolar?* Expõe-se, também, o objetivo geral da pesquisa: desenvolver a educomunicação para potencializar a formação de leitores através da criação de um jornal escolar, bem como seus objetivos específicos: utilizar a educomunicação para construção de conhecimento através do uso de ferramentas tecnológicas como computador e celular; desenvolver a aprendizagem colaborativa da leitura e escrita das características dos gêneros jornalísticos por meio de oficinas; produzir um jornal escolar.

Com o propósito de esclarecer o processo composicional desse trabalho, informa-se que a seção 1 refere-se aos pressupostos da educomunicação, cuja relevância está na sua definição, que é a de aliar a comunicação à educação mediada pelas novas tecnologias.

A seção 2 discorre sobre jornal escolar, cuja importância está em proporcionar ao aluno uma vivência e reflexão da atualidade, tornando-o um ser ativo e participante do entorno escolar e social.

A seção 3 aborda reflexões sobre leitura e a consequente formação do leitor. A pertinência dessa temática está em investir em estratégias de leitura com o intuito de formar um leitor que compreenda textos em diferentes situações, estabeleça relações entre suas partes, compare e analise informações, que seja capaz de fazer inferências e sínteses. Essas competências são adquiridas quando o aluno tem acesso à palavra escrita e a experiências diversificadas, nas quais as práticas sociais da língua estejam em jogo.

Na seção 4, encontra-se a metodologia aplicada para a realização do trabalho, define-se pesquisa-ação, descreve-se a escola e os alunos, bem como as técnicas para a coleta dos dados e os procedimentos escolhidos para análise.

Na seção 5, relata-se a proposta de desenvolvimento da educomunicação para potencializar a formação de leitores através da criação de um jornal escolar.

## 1 Educomunicação

Conforme Soares (2006), o termo “educomunicação”, citado pela primeira vez pelo educador, comunicador e intelectual Mario Kaplún, surgiu por volta da década de 1970, tendo como foco analisar e estudar de forma conjunta as áreas da educação e comunicação. Esse intelectual, utilizando-se das ideias de Paulo Freire e Celéstin Freinet, desenvolveu projetos de comunicação popular e de educação para a mídia. Seu trabalho direcionava-se para as comunidades populares, principalmente as campesinas.

No Brasil, o pesquisador referência na área da Educomunicação é o professor da USP, Ismar de Oliveira Soares, presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação, o qual explica o surgimento do termo e da área educacional:

O que descobrimos com a pesquisa foi que a inter-relação entre a Comunicação Social e a Educação havia alcançado densidade própria, superando a fragmentação das ações ora denominadas como “educação para os meios”, “tecnologia educacional”, ou, ainda, “comunicação educativa”, afigurando-se ao contrário, como um campo específico de intervenção social capaz de aproximar e dar sentido a um conjunto de tais ações. Para designar esta realidade, escolhemos o neologismo “educomunicação” – usado por Kaplún como sinônimo de “educación a los medios” – dando novo significado à palavra para designar a radical

transversalidade da comunicação nos processos educativos. (SOARES, 2006, p. 176).

Um dos direcionamentos pedagógicos em educomunicação é o conceito de ecossistemas comunicativos, ou seja, a criação de espaços nos quais ocorra interação entre produtores, receptores e partilhadores do conhecimento e que também dê conta dos meios de comunicação a que alunos e professores tenham acesso. Uma escola dedicada em compreender e participar do contexto social do aluno (colegas, família, mídia) precisa planejar ações que permitam a participação, a construção e a troca de sentidos, criando, desse modo, espaços educacionais que visem a esse fim, criando ecossistemas comunicativos.

Com base no pressuposto de que a educomunicação é o conjunto de ações que busca ampliar a capacidade de expressão dos sujeitos em espaços educativos e desenvolver a criticidade dos meios de comunicação, conclui-se com Soares (2002, p. 20), que:

A aprendizagem se dá na medida em que o indivíduo sente-se tocado, envolvido, conectado. Desta maneira, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação. É o sentido que provoca a aprendizagem, não a tecnologia, e é por isso que o campo compete à comunicação ou à Educomunicação.

Parte-se dessa citação de Soares (2002), na qual menciona que a aprendizagem acontece quando o indivíduo se sente envolvido com o objeto de conhecimento, ou seja, quando tem a curiosidade, para introduzir o referencial teórico sobre o jornal escolar a partir da metáfora de Célestin Freinet, que será abordada a seguir, na qual diz que é preciso que o “cavalo tenha sede para que queira beber a água”. Essa mesma analogia pode ser feita com relação ao aluno e ao conhecimento, é desejável que ele tenha sede de saber.

## 2 Jornal escolar

O jornal escolar é uma atividade de intensa troca de saberes e que tem a capacidade de potencializar a aprendizagem dos alunos. Apesar do jornal escolar não ser uma novidade, também não é uma prática amplamente desenvolvida nas escolas.

Esse exercício de elaboração de jornais escolares foi introduzido pelo pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966), pioneiro no uso do jornal escolar em sala de aula, cuja prática teve resultado extremamente positivo ao desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Freinet, em sua obra *Pedagogia do Bom Senso*, faz uma crítica à metodologia tradicional de fazer os alunos decorarem conceitos sem que esses façam sentido para a vida prática. Um homem a frente de seu tempo, tinha a clareza das competências e habilidades que a vida, a sociedade iria exigir dos seus alunos, em contraponto à tradicional forma de ensinar e aprender, através da metodologia mecanicista de decorar. Essa questão é elucidada por Freinet através da “pedagogia do cavalo que não tem sede” (FREINET, 2004, p. 16-17), na qual ele diz que não adianta dar de beber a quem não tem sede, fazendo, assim, uma analogia com a educação na medida em que, de nada adianta ensinar a quem não quer aprender.

Como se pode ver, a metáfora que Freinet utiliza ainda é muito atual no ano de 2018 e na era digital. Professores despreparados para fazer valer a “pedagogia do cavalo que galopa para o bebedouro” ainda reproduzem a metodologia do “cavalo que não tem sede”. Essa é uma realidade que se deseja mudar através de formação continuada e atualização de professores. O jornal escolar e a educomunicação são alguns dos caminhos possíveis para se chegar a essa forma de ensinar e aprender.

### 3 Leitura e formação do leitor

A leitura é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do ser humano. Por meio dela, o cidadão participa da sociedade, melhora seu nível educacional, se apropria de valores e tem acesso ao conhecimento e à herança cultural da humanidade. Sendo assim, a leitura do mundo, da arte, da literatura e da palavra é um direito de todos. Candido (1995, p. 7) afirma que “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Desse modo, existem dispositivos legais que visam a garantir e a fomentar a leitura no Brasil. As Diretrizes da Educação Básica orientam que os projetos político-pedagógicos das escolas devem prever “a valorização da leitura em todos os campos do conhecimento” (BRASIL, 2013, p. 50), com vistas a desenvolver a capacidade de letramento dos estudantes. Também a Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003, que no seu Art. 1º, institui a Política Nacional do Livro, traz no seu inciso V a diretriz de “promover e incentivar o hábito da leitura” (BRASIL, 2003).

A pesquisa Retratos da leitura no Brasil (FAILLA, 2016, p. 128), demonstrou que 44% da população brasileira foi considerada não leitora, uma vez que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses anteriores à pesquisa, mesmo que tenha lido algum livro nos últimos doze meses, também anteriores à pesquisa. Com relação a isso, é importante refletir sobre o que diz Luckesi (1997, p. 125):

[...] um povo que não lê é um povo isolado no processo da história; isolado das conquistas já realizadas por outros povos desde o início dos tempos; isolado das raízes e origens de sua própria realidade histórica e cultural e, por isto mesmo, impossibilitado de conhecer mais profundamente o seu hoje, a razão mais profunda de seus problemas e, conseqüentemente, de resolvê-los, construindo para si e para os outros um mundo mais mundo.

Diante do exposto, ações de incentivo à leitura mostram-se extremamente necessárias para que o Brasil reduza, progressivamente, o índice de não leitores e se constitua como sendo um país cuja sociedade seja predominantemente leitora, uma vez que a leitura é “[...] uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita; a experiência dos produtos culturais que fazem parte desse mundo só é possível pela existência de leitores” (SILVA, 1981, p. 64).

Assim sendo, sabe-se que os alunos só irão adquirir uma competência leitora, à medida que se ampliar o acesso deles à palavra escrita e a experiências múltiplas de leitura. Vivências nas quais as práticas sociais da língua sejam privilegiadas e permitam a inserção desses educandos em ambientes permeados de letras e de diferentes linguagens. Se o acesso a esses ambientes não se der no núcleo familiar desses alunos, cabe à escola e aos professores a missão de inseri-los no mundo da leitura e da escrita; compete à escola a formação de leitores. Esse acesso possui inúmeros caminhos, várias ramificações e diversas possibilidades.

#### **4 Percurso da pesquisa**

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, de acordo com seu problema de pesquisa e questões orientadoras. A escolha pela abordagem qualitativa deu-se em razão da possibilidade de se fazer descobertas, de se encontrar novos significados a respeito do tema estudado, de se avaliar alternativas ou, ainda, confirmar o que já é conhecido, podendo-se, desse modo, reconhecer o conhecimento como algo não acabado, mas sim, como uma construção que se faz e refaz continuamente, conforme Lüdke e André (2001).

## 4.1 Pesquisa-ação

Este tipo de pesquisa, que visa unir teoria à prática, mostrou-se adequado para o presente estudo tendo em vista sua especificidade: a observação e investigação de uma realidade que se pretende mudar e o planejamento e a execução de estratégias de intervenção que visem a provocar transformações nessa realidade. É um tipo de pesquisa que:

[...] além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (SEVERINO, 2007, p. 120).

Para Engel (2000), é uma metodologia muito utilizada na área educacional, visto que se origina tanto das preocupações, quanto dos interesses dos professores em pesquisar e intervir na sua prática pedagógica, de modo a compreendê-la e melhorá-la. Dessa forma, esse tipo de pesquisa possibilita que sejam implementadas teorias educacionais na prática da sala de aula, possibilitando aos professores a solução de problemas e o envolvimento com a pesquisa, o que tende a conduzir a um resultado específico e imediato. A pesquisa-ação também tem se revelado um recurso eficiente para o desenvolvimento profissional dos docentes, tendo em vista a produção de novos conhecimentos.

A abordagem teórico-metodológica deste trabalho contou com pesquisa bibliográfica dos assuntos relacionados ao tema, a qual “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um

determinado assunto, tema ou problema” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 65) e que se configurou no aporte teórico.

A proposta de intervenção deu-se através de oficinas com materiais fornecidos pelo Núcleo de Tecnologia Educacional de Pelotas/RS.

A Coleta de dados para avaliação dos efeitos da proposta de intervenção ocorreu em três momentos. No primeiro, no decorrer das oficinas, os dados foram coletados através de observação participante, técnica que se realiza:

[...] através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto (MINAYO, 1994, p. 59).

No segundo, esfera prática e de efetiva produção dos alunos, a coleta de dados deu-se por meio da observação participante dos trabalhos realizados e apresentados pelos estudantes (fotojornalismo, videojornalismo) e a coleta dos textos produzidos para o jornal. No último momento, a coleta de dados foi realizada através de um texto escrito pelos alunos por meio do qual puderam expor suas opiniões sobre todo o processo de intervenção.

A Avaliação do plano de intervenção foi realizada em todos os momentos, a partir da abordagem metodológica qualitativa, das oficinas, das apresentações dos trabalhos pelos alunos e dos textos produzidos. Segue-se o relato da proposta de intervenção realizada.

## **4.2 Escola e alunos**

O estudo foi realizado em uma escola estadual situada na zona norte do município de Pelotas/RS, no último trimestre do ano de 2018. A instituição possui

434 alunos matriculados do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A escola possui biblioteca, mas não possui bibliotecário. Possui laboratório de informática com lousa digital, projetor, caixa de som e 11 computadores com sistema operacional Linux. Há internet, mas só pode ser acessada pelos alunos no laboratório de informática, pois a senha do Wi-Fi não é disponibilizada.

A proposta de intervenção foi aplicada em duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental (51 alunos), na disciplina de Língua Portuguesa e teve a duração de 2 meses, considerando-se que a disciplina conta com quatro períodos de aula por semana.

## **5 Proposta de intervenção**

O trabalho teve início com a explicação da proposta e o convite à formação dos grupos de trabalho, conforme afinidades. Após, os alunos foram convidados a emanarem ideias para o possível nome do jornal escolar. Foi efetuada uma votação prévia e, a partir dos quatro nomes mais votados, foi realizada uma votação com toda a comunidade escolar. A contagem dos votos foi feita pela professora/pesquisadora com a presença de um representante de cada turma. O nome vencedor foi: S. A. News. Após esse processo de entrosamento dos alunos com a proposta, foram convidados a pensarem sobre quais temas gostariam de escrever.

A partir daí, o trabalho teve início com as oficinas, as quais eram compostas por apresentações em PowerPoint e abordaram temas como: estrutura e organização de um jornal escolar; o papel do jornalista e suas funções; pauta jornalística; confiabilidade das fontes pesquisadas; gêneros jornalísticos; elementos textuais da notícia; fotojornalismo; legenda e créditos da imagem. Após as oficinas, os alunos foram convidados a elaborarem as possíveis pautas que viriam a organizar a escrita do texto jornalístico.

Conforme a proposta educacional, de aliar a comunicação à educação mediada pelas novas tecnologias, foi criado um grupo de WhatsApp para cada turma. Para que os alunos aderissem cada vez mais à proposta, solicitou-se a primeira atividade avaliativa do projeto que deveria ser realizada através do grupo. Consistia na pesquisa de vídeos educacionais que se referissem a jornal escolar. Os critérios eram os seguintes: os vídeos não poderiam ser repetidos, sendo assim, todos os alunos deveriam assistir às postagens dos colegas. Também deveriam comentar os pontos positivos e negativos do vídeo postado.

Esse primeiro contato dos alunos com o universo do jornal escolar foi muito significativo, pois puderam assistir a inúmeras experiências realizadas por outros estudantes. Cada postagem feita e comentada pelos alunos, recebia um feedback da professora. Essa interação entre alunos, professora e a tecnologia dinamizou muito o processo, uma vez que as dúvidas e/ou ideias eram manifestadas e respondidas coletivamente, não sendo necessário esperar a próxima aula. Isso demonstra que as práticas educacionais de fato criam ecossistemas comunicativos, ou seja, a criação de espaços nos quais ocorre a interação entre produtores, receptores e partilhadores do conhecimento.

A segunda atividade avaliativa consistia na produção de fotojornalismo com os celulares. Os alunos deveriam produzir fotos que pudessem retratar a temática sobre a qual iriam escrever. Os critérios da atividade eram: deveriam colar a foto em Word, Power Point ou outro programa; inserir legenda e dar crédito ao produtor. A atividade deveria ser apresentada para a turma, explicitando os motivos da escolha da foto, relacionando-a ao tema que pretendiam escrever, explicando a legenda e apresentando o autor. As atividades de fotojornalismo deram origem às imagens que ilustraram as matérias jornalísticas.

A partir dessa atividade, os estudantes já estavam mais próximos das informações necessárias para a escrita dos textos. E, para introduzi-los ainda mais no processo de criação, a terceira atividade avaliativa foi a elaboração de

videojornalismo. A atividade consistia em produzir um vídeo que pudesse demonstrar a matéria que seria escrita pelos alunos. Para as gravações, eles utilizaram seus celulares e realizaram as edições dos vídeos em diversos programas, como Movie Maker e também em sites como o Vimeo. Essa atividade também deveria ser apresentada aos colegas e, após a apresentação, os alunos já estavam imersos nas suas temáticas. Sendo assim, a escrita dos textos ficou mais facilitada. Dando continuidade à proposta educacional, os estudantes foram apresentados à plataforma Google Drive, através da qual construiriam seus textos através do Google Documentos. Cada grupo criou seu arquivo de texto e compartilhou com os integrantes e com a professora. Dessa forma, a escrita era realizada tanto em períodos destinados a ela, na escola, quanto em outros espaços. Salienta-se que a maioria dos alunos utilizou os celulares para a realização da escrita.

A correção dos textos com os estudantes ocorreu de forma colaborativa, no laboratório de informática. Com a autorização do grupo, a professora projetava o texto, lia em voz alta para toda a turma, fazia sugestões e ouvia sugestões dos alunos. Os alunos analisavam as propostas de correção e faziam as alterações com as quais concordassem. Assim, todos os textos foram corrigidos com o grupo e o trabalho de escrita dos textos teve seu término. A coleta dos textos para inserção dos mesmos no jornal foi feita diretamente do Google Drive.

A última atividade realizada pelos alunos foi a escrita de um texto reflexivo, no qual eles descreveram como foi o processo de construção do jornal; falaram sobre suas dificuldades, aprendizados e a incorporação de novas tecnologias no universo educacional.

A análise dos dados desse projeto, sendo qualitativa, se propõe a observar as novas descobertas dos alunos com relação à tecnologia e à forma de produzir conhecimento através do protagonismo, da pesquisa, da leitura e da construção efetiva de material educacional.

A partir da leitura dos textos reflexivos dos alunos foi possível perceber que a grande maioria gostou muito da proposta, por ser uma metodologia ativa na qual eles foram os protagonistas do conhecimento produzido e na qual a professora foi a facilitadora do processo. Através dos textos, os estudantes também apontaram novas descobertas com relação à tecnologia e o quanto a inserção desta na produção dos trabalhos e dos textos facilitou, dinamizou e deixou a execução das atividades mais agradável. Gostaram, principalmente, de poder utilizar os celulares para a realização das atividades.

Por fim, a análise dos textos demonstrou, ainda, que a proposta de intervenção obteve muito sucesso, prova disso também é o fato de muitos professores terem relatado que os alunos haviam mudado a forma de apresentarem os trabalhos, solicitando fazer as apresentações com o uso da tecnologia. Isso mostra que os novos conhecimentos aprendidos por eles já estão sendo postos em prática, o que configura o letramento digital.

Após a escrita dos textos reflexivos pelos alunos, teve início o processo de diagramação, o qual foi realizado pela professora pesquisadora com a participação dos alunos. Dois alunos criaram o logo para o jornal e as respectivas artes foram contempladas na diagramação. Finalizado esse processo, o jornal foi lançado impresso e online.

No que se refere à questão impressa, retoma-se a teoria de Freinet. Para ele, imprimir o jornal escrito pelos alunos concretizava e propagava o pensamento dos mesmos e permitia a análise da linguagem e da correção ortográfica. Partindo-se desse princípio, verificou-se que um jornal da cidade de Pelotas fazia a impressão de mil exemplares por um valor bem acessível. Assim, foi realizada essa impressão. Também foi realizado o lançamento da versão online, através da plataforma Calaméo\*. Elaborou-se um evento de lançamento do jornal para apresentá-lo à comunidade escolar nas duas versões. Para enfatizar a versão

---

\* Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/00562187636313b1c89e0>.

online, gerou-se um QR-Code<sup>†</sup> e foram colados vários cartazes nas paredes da escola para que os alunos pudessem fazer a leitura do código e acessar a versão online através dos celulares. Nesse evento, também foram entregues exemplares impressos para a comunidade escolar. Através desse processo, deu-se protagonismo e visibilidade aos alunos participantes.

### **Considerações sobre a jornada**

Cabe mencionar que a jornada relatada foi desafiadora. Seu ponto de partida foi o curso de formação continuada de professores e seu ponto de chegada, para além da criação de um jornal escolar, é o presente projeto que se encerra.

É imprescindível dizer que muitas barreiras precisaram ser ultrapassadas. Entre elas, o fato de ser uma proposta inovadora para a professora pesquisadora, que nunca havia participado de um jornal escolar. E nova, também, para os alunos que, inicialmente, apresentaram resistência a aderirem à proposta do jornal escolar, tendo-se em vista a dificuldade para compreenderem como seria a jornada. Outra dificuldade enfrentada por eles, num primeiro momento, foi a falta de conhecimento da tecnologia para fins educativos.

É importante enfatizar que esse trabalho extrapolou seus objetivos iniciais, uma vez que proporcionou o letramento digital de muitos alunos que ainda não sabiam utilizar seus celulares para fins educacionais. Nesse mundo moderno, não há necessidade de retenção de informações, basta saber acessá-las, analisá-las e utilizá-las. Ao refletir sobre a era tecnológica, percebe-se que não há mais a necessidade de massacrar os alunos predominantemente com cópias do quadro,



quando eles têm, nas mãos, um celular conectado à internet. Basta ensiná-los a utilizar o dispositivo móvel para produzir conhecimento, dando-lhes protagonismo, conduzindo-os a serem partícipes do próprio processo de aprendizagem. Foi exatamente isso que foi feito nesse projeto.

Ao final dessa jornada de conhecimento, o sentimento é de imensa satisfação: de ser professora; de promover um projeto tão especial em uma escola pública estadual; de conviver com alunos talentosos; de aprender com eles; de ver o crescimento deles no decorrer do projeto; de vê-los engajados com as propostas e, principalmente, de ver a construção e finalização de uma proposta de educação na qual todos os envolvidos saem ganhando; seja pela participação efetiva na construção do jornal; seja ao lê-lo.

## Referências

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.753 de 30 de Outubro de 2003**. Institui a Política Nacional do Livro. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.753.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753.htm)>. Acesso em: 08 fev. 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. Curitiba: **Educar** n. 16, p. 181-191. 2000. Disponível em: <[http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_16/irineu\\_engel.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf)>. Acesso em 01 fev. 2017.

FAILLA, Zoara (org.) **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Tradução de Filomena Quadros Branco. Lisboa: Estampa, 1974. Disponível em: <<http://www.jornalescolar.org.br/o-jornal-escolar/>>. Acesso em 30 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Bom Senso**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet** / Louis Legrand; tradução e organização: José Gabriel Perissé. – Recife: Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4664.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2001.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educom. Rádio, na trilha de Mario Kaplún. In.: MELO, José Marques de; FERRARI, Maria Aparecida; NETO, Elydio dos Santos et al. (org.). **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.



ISSN: 2446-5542

<http://revistas.fapas.edu.br/index.php/anaiscongressoie>

## TRANSFORMAÇÃO DO FAZER DOCENTE

Valesca de Matos Duarte\*

**Resumo:** A educação da atualidade vem requisitando a inserção de inovações motivando estudos sobre a diversificação metodológica no ensino e na aprendizagem. O artigo apresenta aspectos teóricos sobre a transformação do fazer docente através da utilização da metodologia da Aprendizagem Baseada em Projetos apoiada por um Ambiente Virtual de Aprendizagem, com o propósito de incentivar os docentes a tornarem-se orientadores no processo educativo e os discentes protagonistas de seu próprio aprendizado. O desenvolvimento uma cultura tecnológica digital que auxilia na transformação do processo educativo no sentido de torná-lo menos tradicional e padronizado através de práticas relacionadas a ensinar e aprender em reciprocidade, fazendo uso de redes de conversação, de projetos de pesquisa e ambientes virtuais oportunizam aos docentes uma prática pedagógica alternativa, proporcionando ao discente a interação entre os saberes curriculares e as vivências cotidianas, a integração entre áreas do conhecimento e o diálogo construtor de aprendizagens pela troca de conhecimentos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem Baseada em Projetos. Ambientes Virtuais. Prática Docente.

## TRANSFORMATION OF TEACHING

**Abstract:** Today's education has been requesting the insertion of innovations, motivating studies on methodological diversification in teaching and learning. The article presents theoretical aspects about the transformation of teacher making through the use of the methodology of Project-Based Learning supported by a

---

\* Mestre em Ensino de Ciências e Tecnologias na Educação. Instituto Federal Sul-rio-grandense/Campus Pelotas Visconde da Graça. E-mail: valesca.gat.mesko@gmail.com

Virtual Learning Environment, with the purpose of encouraging teachers to become guiding in the educational process and the students protagonists of their learning. The development of a digital technology culture that helps transform the educational process to make it less traditional and standardized through practices related to teaching and learning in reciprocity, making use of conversation networks, research projects and virtual environments. teachers an alternative pedagogical practice, providing the student with the interaction between curricular knowledge and everyday experiences, the integration between areas of knowledge and the dialogue constructing learning through the exchange of knowledge.

**Keyword:** Project-Based Learning. Virtual Environments. Teaching Practice.

## Introdução

Na atualidade ensinar transpõe a simples transmissão de conteúdos obrigatórios distribuídos em uma grade curricular. Ensinar consiste em articular vivências cotidianas e ferramentas tecnológicas aos saberes escolares na busca pelo exercício da cidadania além de, possibilitar ao discente sua percepção como ser atuante no mundo do trabalho, ciência, tecnologia e cultura. No dizer de Paulo Freire (2011a):

Ensinar não é transferir conhecimentos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam não se reduzem a condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2011a, p. 25).

Nesse sentido, apresentamos aspectos teóricos de uma possibilidade de transformação fazer docente através da utilização da metodologia da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) apoiada por um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), com o propósito de incentivar os docentes a tornarem-se

orientadores no processo educativo e os discentes os protagonistas de seu próprio conhecimento, ou seja, ambos aprendendo e ensinando durante suas interações de maneira mútua consolidando e ampliando um ambiente de convívio harmonioso em que “[...] interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (MATURANA, 2002, p.22).

## **1 A transformação do fazer docente**

As demandas da docência estão em constante transformação, com vistas ao cumprimento do papel social da escola, o que vem proporcionando um desacomodar nas práticas pedagógicas, requerendo docentes “mais competentes, adaptados e capazes profissionalmente” (FELÍCIO; SILVA, 2017, p. 151). Atualmente vive-se um processo de expansão do fazer docente, pois exige-se dos profissionais da educação muito mais que ministrar aulas e sim uma atuação voltada para a vida na sociedade do conhecimento. Em Veiga (2009) encontramos,

No sentido formal, à docência é o trabalho dos professores; na realidade, estes desempenham um conjunto de funções que ultrapassam a tarefa de ministrar aulas. As funções formativas convencionais, como ter um bom conhecimento da disciplina e como explicá-la, foram tornando-se mais complexas com o tempo e com o surgimento de novas condições de trabalho (VEIGA, 2009, p. 24).

Nessa perspectiva a formação permanente é fundamental, tanto quanto aos conhecimentos teóricos das disciplinas curriculares quanto aos conhecimentos sociais relacionados ao cotidiano, a resolução de problemas e ao trabalho colaborativo. Griboski (2017) evidencia o profissional docente como agente social que concebe a educação como

[...] prática social e emancipatória, trabalha em prol da qualidade social para todos, busca a unidade teórico-prática, desenvolve a ação coletiva, incentiva a autonomia profissional e busca a valorização profissional a partir dos saberes da docência revelados na ação educativa inclusiva e para todos (GRIBOSKI, 2017, p. 129).

O docente atualizado, crítico e realista faz parte da perspectiva de ensino de formação integral do discente na sociedade do século XXI. Sem o estudo, o entendimento e a motivação, não há a efetiva materialização de um trabalho diferenciado na escola. Um docente de olhar respeitoso, sensível e afetuoso percebe que em uma turma há sujeitos oriundos de diversos meios sociais, cada qual com suas experiências de vida, que influenciam no modo em como aprendem. Portanto, não há como ensinar através de conteúdos curriculares de forma estanque, alicerçados apenas pela transmissão de conteúdos, como coloca Freire (2011a) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011a, p. 24).

Na sociedade do século XXI,

[...] o trabalho dos professores se desenvolve em uma realidade escolar em que é cada vez mais questionado pelas mudanças sociais, culturais, tecnológicas e econômicas, as quais demandam professores com capacidades e competências que extrapolem o ato de ‘transmitir’ conteúdos (FELÍCIO; SILVA, 2017, p. 152, aspas do autor).

Sendo assim, o processo educativo está imbricado com metodologias que possibilitem a representação do real viver e conviver com a aceitação do outro como legítimo outro (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004), oportunizando a visão do todo, tendo em mente um mundo interativo em constante transformação. Metodologias que proporcionem reflexões e ações interligadas, onde haja diálogo

com a comunidade escolar\*, ou seja, colocando em prática os princípios básicos da ABP em um trabalho colaborativo enfatizando a troca de saberes com um objetivo comum.

No contexto atual, um dos principais desafios da Educação Básica é a transformação do fazer docente. Um fazer que valorize as vivências e conhecimentos da comunidade escolar, que propicie a formação humana integral, significativa e realista, que leve em conta o interesse discente oportunizando o entendimento do homem como um ser de relações que está com o mundo (FREIRE, 2011b) e que compreende os aspectos científicos, tecnológicos, humanísticos e culturais da vida em sociedade.

Para que haja essa transformação, antes de tudo, podemos criar redes de conversação (MATURANA, 2001) que proporcionem um novo olhar, um estudo e/ou reestudo de estratégias didáticas baseadas no conviver, na qual o humano seja visto como um ser plural, dotado de emoções e onde exista a valorização do eu pessoal e profissional. Para Freire (2011a)

[...] O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser 'educado', vai gerando a coragem (FREIRE, 2011a - p.45, aspas do autor).

Transformação docente ancorada em processo de formação baseado na constante análise crítica e reflexiva sobre a própria prática. Uma prática onde a formação humana integral seja pautada na competência e no compromisso ético, que se revela em uma atuação profissional entrelaçada com as transformações sociais e culturais necessárias à edificação do exercício da cidadania (BRASIL,

---

\* Entendemos que a comunidade escolar é compreendida por gestores, docentes, funcionários, discentes e familiares.

2013a). Em um exercício docente que oportunize a análise ponderada da sociedade atual, através do acompanhamento das evoluções científicas e tecnológicas, do conhecimento da realidade das vivências e da compreensão das formas de interação usadas pelos discentes.

Para o avanço no processo de transformação prima-se pelo envolvimento da gestão escolar e do docente, buscando por evolução nas condições do exercício profissional (remuneração e plano de carreira), ao mesmo tempo apropriando-se criticamente dos conteúdos das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), em especial no que diz respeito à formação humana integral e às práticas interdisciplinares, para que, assim, seja possível promover coletivamente um fazer docente que oportunize a ampliação dos conhecimentos desenvolvidos em aula conduzindo o discente no processo de aprendizagem.

Através do estudo, do conversar, da reflexão e da reelaboração das concepções sobre a prática educativa o docente pode apoderar-se de metodologias amplas que promovem a construção de uma educação com sentidos e significados entrelaçados com suas percepções, gerando ações concretas, efetivadas em um fazer pedagógico que valoriza a construção do conhecimento pela pesquisa na forma de projetos colaborativos e interdisciplinares.

O reconhecimento do professor como sujeito e protagonista desse novo desenho curricular representa uma possibilidade de êxito do projeto a ser construído. Um olhar sobre a realidade nos mostra que a escassa participação dos segmentos institucionais, principalmente dos docentes, é uma das causas que contribui para que muitos projetos pedagógicos não passem de documentos os quais apenas atendem às exigências burocráticas dos sistemas de ensino e terminam sendo arquivados e esquecidos. Tais documentos geralmente elaborados por pequenos grupos não adquirem sentido para o processo pedagógico institucional, pois não conseguem afetar a vida da escola. Por essa razão é que

valorizamos processos coletivos, os diálogos, as decisões tomadas em conjunto e democraticamente (BRASIL, 2013c, p. 38).

O estudo apresenta os princípios da ABP como possibilidade de apoio num trabalho colaborativo interdisciplinar que não requer apenas mudança na prática pedagógica, mas um novo olhar que possibilite ações integradoras entre as áreas do conhecimento, sem esquecer o estudo de conceitos nas disciplinas, potencializando a aprendizagem em sua totalidade e não de forma fragmentada. “Para fins formativos, isso significa identificar componentes e conteúdos curriculares que permitam fazer relações cada vez mais amplas e profundas entre os fenômenos que se quer ‘apreender’ e a realidade na qual eles se inserem” (BRASIL, 2013c, p. 40, aspas do documento).

No processo educativo, docentes são profissionais inseridos na sociedade que trazem consigo suas próprias histórias de vida, concepções, identidades, orientação sexual, cultura, etnia, são constituídos na pluralidade e diversidade assim como toda a humanidade, ou seja, antes de tudo, são seres humanos que fluem no mundo. “O ser humano é, naturalmente, um ser de intervenção no mundo, a razão de que faz a História. Nela, por isso mesmo, o ser humano deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto” (FREIRE, 2000, p.119).

Pimenta e Anastasiou (2002) afirmam que o exercício docente

[...] constrói-se, também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente em seu cotidiano, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 77).

Sendo assim, o docente atuante estabelece relações com suas vivências em contexto de heterogeneidade, interagindo com a comunidade escolar de forma

que suas ações transponham a sala de aula e estejam mediadas pelos conhecimentos científicos, tecnológicos, culturais e sociais, proporcionando a formação integral.

Momentos de análise das ações possibilitam um conversar, planejar, escrever, efetivar e avaliar as práticas pedagógicas, para que refletindo a partir da prática, em grupos de conversação (MATURANA, 2001), seja efetivado um processo de ensino e aprendizagem interativo e integrador.

Diferentes podem ser as estratégias didáticas adotadas pelos docentes para oportunizar formas de enfrentar as novas e diversificadas tarefas que, na sociedade do conhecimento, ultrapassam o espaço da sala de aula, porém lembramos:

[...] no espaço de sala de aula cabe ao docente o delicado exercício da mediação entre os alunos e a cultura elaborada, em particular, da manutenção do ambiente dialógico e cooperativo, pois somente assim se ampliam as capacidades humanas e se constroem a democracia e o espírito colaborativo entre os discentes (BRASIL, 2013d, p.47).

Brasil (2013e) orienta que os docentes, em sua atuação, aumentem as percepções sobre as áreas do conhecimento e seus componentes curriculares, assim como, vislumbrem outras possibilidades de organização do conhecimento escolar, a partir de quatro dimensões:

- a) compreensão sobre os sujeitos do Ensino Médio considerando suas experiências e necessidades;
- b) escolha de conhecimentos relevantes de modo a produzir conteúdos contextualizados nas diversas situações onde a educação no Ensino Médio é produzida;
- c) planejamento que propicie a explicitação das práticas de docência e que amplie a diversificação das intervenções no sentido da integração nas áreas e entre áreas;
- d) avaliação que permita ao estudante

compreender suas aprendizagens e ao docente identifica-las para novos planejamentos (BRASIL, 2013e, p. 4).

Nas dimensões há a valorização das vivências, da realidade, do planejamento e da avaliação como forma de articulação dos diversos saberes e superação da simples transmissão de conteúdo. Em princípio, o exercício docente, pautado pelas DCNs, oportuniza a formação integral do humano.

Em Brasil (2013b), há argumentos que permitem a interpretação que a formação integral proporciona o exercício da autonomia, da reflexão e da crítica voltadas para a compreensão do ser em sua plenitude, levando em conta suas dimensões afetiva, social, intelectual, potencializando o desenvolvimento de seu próprio conhecimento, favorecendo a aprendizagem. Freire (2011a) aponta que

[...] ensinar não se esgota no 'tratamento' do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, investigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 2011a – p. 28, aspas do autor).

A formação integral do discente ressalta o compromisso da escola e de seus profissionais em estruturar metodologias de ensino que promovam a aprendizagem colaborativa, autônoma e criativa pensando no trabalho coletivo, na problematização e nas ações dinâmicas e inovadoras como oportunidade de melhoria no ensino e na aprendizagem com a possibilidade “[...] de dinamizar as experiências oferecidas aos jovens alunos e de ressignificar os saberes e experiências com os quais se interage nas escolas” (BRASIL, 2013c, p. 10).

Em Griboski (2017) encontramos que ser docente é viver e conviver com o imprevisível, com o que ainda, por vezes, nem tem resposta, com o que não está

previsto, com a instabilidade cotidiana, ou seja, com a transformação constante da vida.

Enfim, o docente é um ser humano como qualquer outro com seus saberes e sentidos aguçados pelo fazer pedagógico. “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor” (NÓVOA, 1992, p. 15). Neste trabalho é dado ênfase a transformação docente, como simples seres humanos, imersos no processo de ensinar e aprender.

## 2 Aprendizagem baseada em projetos

O *Buck Institute for Education* (MARKHAN; LARMER; RAVITZ, 2008) define a ABP como sendo,

[...] um método sistemático de ensino que envolve os alunos na aquisição de conhecimentos e habilidades por meio de um extenso processo de investigação estruturado em torno de questões complexas e autênticas e de produtos e tarefas cuidadosamente planejadas (MARKHAN; LARMER; RAVITZ, 2008, p.18).

Os autores consideram que a metodologia promove um ambiente educativo com alto desempenho oportunizando um processo de ensino e de aprendizagem focado na realização, no autodomínio e na contribuição para a sociedade.

Para Bender (2014) a APB é uma das formas mais eficazes de envolver docentes e alunos com o conteúdo de aprendizagem, o autor considera a ABP como uma metodologia que envolve o trabalho colaborativo na elaboração de projetos autênticos, realistas e significativos, incluindo a utilização das modernas tecnologias de ensino. Segundo o autor,

A ABP envolve uma mudança importante na responsabilidade de ensinar, na qual o professor para de servir como um fornecedor de informações e, em vez disso, serve como facilitador da aprendizagem no contexto da resolução de problemas. [...] é uma maneira excelente de envolver os alunos, para aumentar a sua motivação e o seu rendimento e para diferenciar o ensino, de modo que todos os alunos possam participar de forma significativa (BENDER, 2014, p. 42).

A ABP não envolve apenas a construção e efetivação de um projeto com o processo de escolha de uma temática que possibilite uma pesquisa que promova a integração das disciplinas para a sua execução e sim precede uma equipe de docentes comprometidos a instigar um desvelar natural das vivências como um todo, não de forma compartimentada, ou seja, requer uma atitude colaborativa e interdisciplinar dos envolvidos nesse processo.

[...] uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor, atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com as pessoas neles envolvidos, atitude, pois de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobre-tudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim de vida (FAZENDA, 1988, p. 82).

Nesse sentido a ABP oportuniza o planejamento, o diálogo, a convivência e a apropriação de atitudes responsáveis para o exercício da cidadania em benefício do bem comum.

Com essa perspectiva, docentes que tenham sua prática associada ao uso da metodologia da ABP criam redes de conversação, oportunizando aos alunos

resolver problemas, planejar e avaliar seu próprio desempenho, assim como expor suas ideias, demonstrando aprendizagem. Consideramos ultrapassar o contato pedagógico pela mera transmissão de conteúdos nas áreas isoladas e acreditamos que a pesquisa e a execução de projetos corroboram para um processo de ensino e de aprendizagem colaborativo com vistas à formação integral.

### **3 Ambiente virtual de aprendizagem**

Estamos em um mundo conectado no qual docentes e discentes fazem uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) podendo utilizá-las na metodologia da ABP para intensificar o desenvolvimento de tarefas educacionais na era digital.

O uso de recursos tecnológicos requer uma transformação pedagógica com a gradual ambientação de docentes nas interações e recursos de um ambiente virtual. Bender (2014), afirma que docentes necessitam fazer um esforço para não ficarem para trás no rápido processo de transição para o ensino baseado no uso das tecnologias. “Certamente os professores são encorajados a explorar amplamente a tecnologia, conforme seu tempo e recurso da escola permitirem” (BENDER, 2014, p. 105). O uso das TDIC é inevitável na sociedade do conhecimento.

As TDICs provocam transformações em variados segmentos da sociedade, sobretudo, no desenvolvimento do conhecimento científico e nos avanços da ciência.

Almeida e Valente (2012), expõe a relevância da utilização das TDIC,

As TDIC propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, a abertura e plasticidade do currículo e o exercício da coautoria de professores e alunos. Por meio da mediatização das TDIC,

o desenvolvimento do currículo se expande para além das fronteiras espaços-temporais da sala de aula e das instituições educativas; supera a prescrição de conteúdos apresentados em livros, portais e outros materiais; estabelece ligações com os diferentes espaços do saber e acontecimentos do cotidiano; e torna públicas as experiências, os valores e os conhecimentos, antes restritos ao grupo presente nos espaços físicos, onde se realizava o ato pedagógico (ALMEIDA; VALENTE, 2012, p. 60).

As TDICs potencializam a criatividade, o compartilhamento de pensamentos, as conversações e a construção de novas concepções de aprendizagem em ambientes virtuais. Para Lévy (1998),

Em 'novos campos virtuais', os professores e os estudantes partilham os recursos materiais e informações de que dispõem. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes 'disciplinares' como suas competências pedagógicas (LÉVY, 1998, p.171).

O ensino e a aprendizagem, através da metodologia da ABP, preveem uma ampla utilização das modernas tecnologias disponíveis na sociedade do XXI. Redes sociais (*Facebook, Whatsapp, etc.*), dispositivos tecnológicos de comunicação e

[...] ferramentas para o gerenciamento do ensino em sala de aula (p. ex., *Moodle*) já parecem dominar as discussões sobre inovações de ensino baseadas em tecnologia. [...] preveem uma revolução virtual no processo de ensino e de aprendizagem como resultado da constante modificação dessas tecnologias (BENDER, 2014, p.71)

O *Moodle* de um AVA caracteriza-se por ser uma ferramenta de auxílio na postagem de materiais produzidos pelos professores e no acompanhamento das atividades realizadas pelos discentes.

Em Pereira (2007, p. 4) encontramos como definição que “AVAs consistem em mídias que utilizam o ciberespaço para veicular conteúdo e permitir interação entre os atores do processo educativo”. Segundo a autora os principais recursos utilizados nesses ambientes são a disponibilização de informação e documentação, a facilidade de comunicação, a possibilidade de gerenciamento das atividades pedagógicas e o desenvolvimento e execução de tarefas no ambiente.

Nesse sentido, consiste em um ambiente no qual o ensino e a aprendizagem são potencializados a partir de interações no espaço virtual. Pode ser empregado por docentes que concebem o benefício de sua aplicação como ferramenta de apoio ao ensino através da APB. Para Lèvy (1998) em ambientes virtuais a principal função do docente, “[...] deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento” (LÈVY, 1998, p.171).

O AVA na metodologia da ABP pode ser compreendido por docentes e discentes como um meio de:

- Facilitar o acesso a informação e comunicação, proporcionando reflexão e interação em diferentes espaços/tempos;
- Contribuir com a apropriação do uso de ferramentas virtuais no sentido da produção do conhecimento de forma colaborativa e interdisciplinar;
- Auxiliar na construção de um repositório virtual com informações sobre o tema em estudo em um projeto.

Nesse sentido, temos o AVA como facilitador da disponibilização de material complementar ao espaço presencial de ensino e como possibilidade de aumento de convívio no espaço/tempo virtual oportunizando interações entre os participantes do processo de ensino e de aprendizagem consideramos o

ambiente como um espaço de trabalho e convívio potencializador do desenvolvimento da metodologia da ABP.

### Considerações finais

Com a transformação da prática docente através da utilização da metodologia da ABP associada ao AVA, docentes e discentes, tem a possibilidade de significar seus conhecimentos, compreender diferentes contextualizações dos conteúdos e experimentar recursos presenciais e virtuais potencializadores de uma educação diferenciada na atualidade.

Estamos inseridos em uma cultura tecnológica digital que auxilia na transformação do processo educativo no sentido de torná-lo menos tradicional e padronizado e, sim, mais personalizado, situando o discente no centro desse processo e os docentes atuantes como colaboradores de suas aprendizagens. Para tanto, torna-se relevante o fomento de espaços colaborativos de trabalho e convivência customizados com propostas pedagógicas e ferramentas tecnológicas que suscitem a reflexão sobre outras possibilidades de ensinar e de aprender.

### Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth , VALENTE, José Armando. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 57-82, Set/Dez 2012.

BENDER, William. **Aprendizagem baseada em projetos**: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.

BRASIL. (2013a). Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - Caderno I**: Ensino Médio e Formação Humana Integral / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Carmen Sylvia Vidigal Moraes... et al.]. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013

BRASIL. (2013b). Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I – Caderno II**: o jovem como sujeito do ensino médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [organizadores: Paulo Carrano, Juarez Dayrell]. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

BRASIL. (2013c). Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I – Caderno III**: o currículo do ensino médio, seu sujeito e o desafio da formação humana integral / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Carlos Artexes, Monica Ribeiro da Silva]. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

BRASIL. (2013d). Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I – Caderno IV**: áreas de conhecimento e integração curricular / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Marise Nogueira Ramos, Denise de Freitas, Alice Helena Campos Pierson]. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

BRASIL. (2013e). Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I – Caderno II**: organização do trabalho pedagógico no ensino médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Erisevelton Silva Lima... et al.]. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

FAZENDA, Ivani. **Um desafio para a didática**: experiências, vivências, pesquisas. São Paulo: Loyola, 1988.

FELÍCIO, Helena Maria; SILVA, Carlos Manoel. Currículo e Formação de Professores: uma visão integrada da construção do conhecimento profissional. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 51, p. 147-166, Jan./Mar. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas a outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. (2011a) **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. (2011b) **Educação como prática de liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GRIBOSKI, Cláudia. Ser e fazer docente: formação de professores e valorização da vida. In: VII Congresso Internacional de Educação. 2017, Santa Maria. **Educação Humanizadora: valorizando a vida na sociedade contemporânea**. Santa Maria: Biblios, 2017. p. 125-140.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

MARKHAM, Thom; LARMER, John; RAVITZ, Jason. Buck Institute for Education. **Aprendizagem Baseada em Projetos**: guia para professores do ensino fundamental e médio. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: Nóvoa, A (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 11-30.

PEREIRA, Alice. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem** – em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2007.

PIMENTA, Selma; ANASTASIOU, Léa das Graças. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

VEIGA, Ilma. **A aventura de formar professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2009. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).



ISSN: 2446-5542

<http://revistas.fapas.edu.br/index.php/anaiscongressoie>

## EXPOSIÇÃO DE ASPIRANTES A PROFISSIONAIS DA MODA NA INTERNET E A SUBMISSÃO DE CORPOS À ESTÉTICA DO CABIDE MEDIANTE AUSÊNCIA DA DEFESA DE DIREITOS DE MODELOS

Yasmin Ialuny\*

Eloisa Klein\*\*

**Resumo:** O texto sistematiza aspectos legais e de direitos relacionados à carreira de modelo no Brasil. Em seguida, trabalha a literatura acadêmica acerca da posição dos modelos no segmento da moda, a exposição do corpo como agente definidor da situação profissional no setor e as complexidades do acesso à carreira. A análise empírica tem em conta postagens de pessoas comuns que aspiram à carreira de modelo em grupos do Facebook, onde evidenciamos elementos que remontam à exposição do corpo, vulnerabilidade do contato nas mídias sociais e exploração da imagem infantil. As revisões de literatura e análise empírica nos levam a reflexionar sobre a necessidade de se intensificar o debate sobre a questão das pessoas que atuam como modelos na construção de um modelo de regulamentação e proteção dos profissionais da área.

**Palavras-chave:** Moda. Direitos Humanos. Comunicação.

### EXPOSURE OF ASPIRANTS TO FASHION PROFESSIONALS ON THE INTERNET AND THE SUBMISSION OF BODIES TO CABIDE AESTHETICS BY ABSENCE OF DEFENSE OF MODEL RIGHTS

**Abstract:** The text synthetizes the legal and "law related" aspects relating them to the modeling career in Brazil. After that, goes through the academic literature

\* Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. E-mail: yasminialuny@gmail.com

\*\* Professora da Unipampa. Doutora em Comunicação pela Unisinos. E-mail: eloisa.klein@gmail.com

about the model's position in the fashion segment, the body exposure as a defining agent on the current professional situation of that industry and the complexities on reaching the career. The empiric analysis takes in account posts in Facebook groups from people that aspire to the modeling career, evidencing elements that refer to body exposure, vulnerability in social media contact and exploitation of children's image. The literature reviews and empiric analysis take us to reflect about the need to intensify the debates, on the issue related to the people who work as models constructing a regulatory model, and also protection of professionals from the segment.

**Keywords:** Fashion. Human Rights. Communication.

## Introdução

Magras, altas e jovens. Muito jovens. Este é o principal perfil quando se trata de modelos no Brasil. A moda é um dos mercados que além das mulheres estarem em maior número, ganham mais do que os homens. Mas estes não estão isentos dos riscos que a pressão estética e às vezes, a baixa qualidade de vida oferecem a quem assume esta carreira.

As *new faces* (modelos iniciantes) têm em torno de 14 anos, viajam ou já moram sem os pais ou família, participam de eventos noturnos e interpretam personagens raramente infantis (ou condizentes com a sua faixa etária). O Brasil de Gisele Bündchen não possui lei específica que ampare esses profissionais (quanto à idade de ingresso, por exemplo) como em outras profissões. Este também é o Brasil de Ana Carolina Reston Macan, anoréxica nervosa grave, que faleceu de infecção generalizada em 2016, aos 21 anos, e de Nathália Novaes que, aos 24 anos, precisou se reinventar (na vida pessoal e profissional) por causa também da anorexia, ao perceber que toda sua vitalidade e bem-estar eram trocados por um manequim 36.

A lista de itens preocupantes começa antes mesmo do primeiro contato ou acesso com as agências de modelo: no acesso à informação. Isto leva a uma

ausência de dados (tanto para os jovens, quanto para as famílias), que geram riscos não só a saúde física, mas a saúde mental e financeira dos ingressantes.

Além das tentativas para melhorar este cenário através dos debates - principalmente na internet- sobre autoaceitação do tipo físico e padrões estéticos, no âmbito legislativo, há projetos de lei para proteger não só a categoria, mas também os consumidores (quando por exemplo, usa-se de edição de fotos para mudar o corpo de modelos em publicidades de revista). Entretanto, atualmente não está em vigor uma lei que proteja os modelos tanto a respeito de seus direitos trabalhistas como na preservação de seus corpos.

Resultante da rotina humana agregada ao uso das mídias sociais facilitados pela tecnologia móvel, a exposição e o consumo de conteúdo de informação na área da moda (e parte dos bastidores) estão em maior fluxo do que antes, quando o acesso às informações eram apenas através das revistas quinzenais/mensais, programas de tv ou notícias sobre moda. Não obstante, o jornalismo também faz parte deste aumento das informações sobre a rotina *fashion*, visto que é pautado por um mercado que poucas vezes se flagrou em crise.

Neste texto, procedemos uma análise empírica de postagens presentes em dois grupos do Facebook (“Modelos, fotógrafos e produtores Florianópolis” e “Modelos, Moda e Agências”), observando como a vida e carreira dos modelos no Brasil comporta aspectos de Direitos Humanos, tais como o acesso à informação sobre a profissão, a questão do trabalho como menor de idade e distante da família, a privação de alimentação instituída por um padrão de corpo difícil de ser mantido pela maioria dos indivíduos saudáveis, o contato com agências e empresas não comprometidas com a integridade física e moral dos indivíduos. Estas questões são pensadas a partir do ângulo da informação, dada nossa visada partir do campo de pesquisa em Jornalismo.

## 1 O Jornalismo e os direitos humanos

À luz de Luiz Gonzaga Mota (2013), o jornalismo é um dos objetos de construção da realidade social, a partir de suas narrativas e, desta forma, a ausência ou baixa informação acerca da profissão modelo (seja de *fashion* ou comercial) contribui para uma escolha feita sob a opacidade informacional para os iniciantes na nova carreira. Segundo Victor Gentili (2005, p.129): “o jornalismo trabalha, ou deveria, na perspectiva de fornecer informações em quantidade e qualidade para o melhor julgamento possível de cada um”. Assim, o jornalismo atua como um mediador quanto a questão dos direitos, no que tange o acesso à informação: no direito de se informar (ir até a informação) ou ser informado (receber o convite ao consumo da informação).

A medida em que os profissionais da moda se expõem através da autovalorização em suas redes sociais para aumentar o alcance de influência, tornar-se conhecidos e, conseqüentemente, aumentar o número de convites para trabalhos, também tornam-se produtores de conteúdo e de informação -- ainda que sem a mediação institucional projetada pelo jornalismo. Apesar da entrada de indivíduos comuns na produção de conteúdos informativos sobre moda, os meios de comunicação corporativos seguem atuando pela manutenção dos padrões e normas que permeiam este universo.

A mídia corporativa também é tomada como oficial, além de ter maior alcance das pessoas que recebem conteúdos, enquanto os canais que falam sobre moda, abarcam principalmente os perfis de interessados neste assunto ou similares (como por exemplo, alguém que acompanha um blog sobre fotografia e maquiagem). Pela cobertura midiática, nota-se que há a construção de uma perspectiva glamourosa sobre a carreira de modelo, com viagens internacionais, fotos bem produzidas, que geram muitos *likes* nas redes sociais e festas com pessoas famosas.

Todo este cenário é reforçado pela midiaticização em ampla escala do jornalismo referente à moda. Segundo Motta (2013, p. 103): “o jornalismo é a narrativa hegemônica sobre todas as outras na construção da verdade imediata e do senso comum”. Isto atinge não só as *new faces*, mas também as já iniciadas modelos. Quer dizer, não adianta estar em suas próprias redes sociais, é preciso ter a citação na mídia corporativa, então, essas trabalham para cada vez mais estarem nas capas de revistas e programas de TV ou canais oficiais. Como as narrativas “apresentam e organizam o mundo, ajudam o homem a construir a realidade humana” (MOTTA, 2013, p. 33), o tipo de referenciação à moda também ajuda a estabelecer parâmetros sociais para a compreensão do meio e a maneira como jovens decidem fazer parte dele.

## **2 Os direitos humanos e a moda**

Segundo o Guia de Mídia e Direitos Humanos (2014, p. 11), as condições contidas na Cartilha Universal dos Direitos Humanos “precisam ser garantidas a todos/as, independente das diferenciações, de idade, gênero, raça, etnia, orientação sexual, origem, crença, convicção política, condição física, econômica e social ou qualquer outra” .

Entende-se que a socialização de informações deveria possibilitar maior nível de escolha profissional, de forma que as pessoas venham a trabalhar em funções ligadas a seus próprios gostos e concepções, mais que em ramos determinados por biotipo, atributos físicos e tempos de vida. O valor atribuído ao biotipo, juventude e atributos físicos é determinante na mudança de atuação profissional de pessoas, tornando determinados indivíduos mais susceptíveis de deixarem algum tipo de campo de ação para assumir uma carreira de modelo. Este é o caso de Thalita Farias, a novata que tem se destacado internacionalmente ao assinar contratos de desfiles para a semana de moda em Milão e em Paris, que

antes era vendedora de artesanato nas praias de Natal (RN) para suprir suas necessidades financeiras. Ou como Leonan Ernesto, morador de uma favela carioca, que em uma matéria para o site Abril (em 26/08/2017), confessa: “Meu maior sonho é ser feliz e ajudar a minha família”. Este mesmo Leonan, antes de ser modelo, era balconista de uma lanchonete.

Embora características biológicas sejam o ponto de partida para a primeira seleção de pessoas às quais são atribuídas valores próprios da atividade de modelo, o amadurecimento do corpo não acompanha a manutenção de tais padrões. É o que torna essas pessoas tão susceptíveis de desenvolverem transtornos alimentares, chegando ao ponto de passar fome ou submeter o corpo a regimes de exaustão física em prática exacerbada de exercícios, ou até mesmo estímulo a processos orgânicos de forma não natural, como indução de vômito e diarreia. Sailaki et al (2014, p. 1) denominam essas condições de “tirania da moda sobre o corpo”. Os autores também refletem sobre o fato de que tal problema remete à uma questão de gênero, já que a maioria das pessoas que passam por este transtorno no mercado da moda são mulheres.

Quando se trata de menores de idade, é preciso ter em conta que trata-se de indivíduos que ainda não desenvolveram toda sua capacidade de análise crítica das situações que os envolvem, além do fato de estarem submetidos diretamente a outras pessoas (seus responsáveis e núcleo familiar), que por vezes podem pressionar ou motivar sem análises críticas a inserção em um mercado de trabalho. No Brasil, a proteção legal de pessoas menores de idade é feita através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que veio para regulamentar o artigo 227 da Constituição Federal de 1988 que fixa como dever da família, da sociedade e do Estado. O Guia de Mídia e Direitos Humanos (2014, p. 90) sintetiza que este estatuto coloca como obrigação do Estado, família e sociedade:

assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à

educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Ainda conforme o Guia: “mesmo quando permitido, o trabalho para adolescentes não pode acontecer das 22h às 5h da manhã”. No mercado da moda, dificilmente tal característica é respeitada. Parte das *new faces* já fazem presenças em eventos (de marcas ou da própria agência) e ensaios noturnos.

O engajamento de crianças e adolescentes em atividades extenuantes é motivado por pessoas que buscam perfis que se tornem internacionalmente reconhecidos, como Gisele Bündchen. Segundo a Forbes (2017), a uber Gisele Bündchen foi a modelo mais bem paga do mundo de 2002 a 2016 -- quando se tornou vice de Kendall Jenner (da família Kardashian). Neste mesmo ano (2017), outra brasileira estava entre as dez *top models* com melhores receitas anuais: Adriana Lima (que é o rosto que figura há mais tempo nas campanhas da indústria de perfumes Victoria's Secrets).

Se comparado os ganhos de Gisele, a modelo brasileira mais bem paga (R\$ 66,3 milhões)\* e Neymar (R\$ 189 milhões)†, que ocupa a mesma posição em relação ao futebol, observa-se uma considerável diferença. Mas, apesar da discrepância financeira entre moda e futebol, pode-se perceber um cenário parecido de projeção de uma possibilidade de mudança de vida e obtenção de fama e status social após ser “descoberto” por um olheiro (em ambas as áreas). Assim como no futebol, o sucesso astronômico esperado pelas *new faces* é algo na escala da sorte, coisa rara.

Embora não seja impossível trabalhar como modelo no Brasil e ser bem-sucedido, a meta de torna-se a nova Gisele não se mostra provável, tendo em conta que seu tipo de sucesso continua sendo único. Gisele recebeu o título de

---

\* Valor convertido do dólar estadunidense: US\$ 17 milhões.

† Resultado do recebimento do salário e patrocínios: € 55,5 milhões.

*uber model* como indicação de que se trata do maior e único posto no ramo: com mais de 1.200 capas de revista em 20 anos de carreira.

Além da alta competitividade instituída pelo fato de Gisele ser colocada como referente organizador da carreira das modelos, a questão do corpo é decisiva no modo como adolescentes que aspiram à carreira passam a conduzir sua vida. O corpo, por ser o principal instrumento de trabalho, precisa estar nas bem definidas características de cada categoria (modelo plus size ou modelo) e segmento (fashion e comercial). Schimitz (2015, p. 93) analisa que não se trata de parecer, unicamente, mas de aparecer. E esse fenômeno também pode ser compreendido como a “estética cabide”, admirada por mulheres mais que objeto de desejo masculino. São os corpos que se colocam como definitivos para as oportunidades de emprego e de carreira. São os corpos que são analisados quando são considerados padrões que correspondem mais aos anseios de uma época, como uma aparência específica pensada para um contexto ou o “look da vez” buscado pelas agências (SCHIMITZ, 2015).

Segundo o blog de Dilson Stein, olheiro conhecido por descobrir Bündchen, as medidas ideais para uma modelo fashion são: (mínimo) 1,75cm de altura e (no máximo) quadril em 89 cm. Já para os modelos, a altura mínima é de 1,85 cm, variando outras exigências conforme a época do ano (no verão, prefere-se os mais sarados e no inverno, os mais magros, porém definidos) e tipo de trabalho. Quanto ao segmento comercial, Stein comenta que neste ambiente há uma maior diversidade de corpos e menor padronização como no segmento anterior, e acrescenta: “mesmo assim, quem quiser ter sucesso deve ter uma boa aparência física, cuidar do corpo, da pele, dos dentes e cabelos, e as oportunidades de trabalho surgem de acordo com o perfil que o cliente precisar” (STEIN, 2019).

## 2.1 Segmento da moda está desprotegido de legislação própria

Não há lei que ampare a categoria modelo no Brasil. As normas trabalhistas que regem as outras profissões (férias remuneradas e 13º salário, por exemplo), não são aplicadas por conta do primeiro impeditivo referente ao estilo de trabalho na moda: contratos pontuais. Os modelos não são funcionários das agências, eles estão sob a sua supervisão e gerenciamento, mas são contratados a cada período de trabalho para cada cliente (empresa interessada) e o valor é passado para a agência e repassada a fração combinada para a ou o modelo.

A Lei 6.533 que reconhece a profissão de modelo é a mesma para artistas, modelos, produtores e sonoplastas, por exemplo, e é de 1978. A justificativa para a inserção da categoria junto a estas outras atividades se observa neste trecho:

Art. 2º I - Artista, o profissional que cria, interpreta ou executa obra de caráter cultural de qualquer natureza, para efeito de exibição ou divulgação pública, através de meios de comunicação de massa ou em locais onde se realizam espetáculos de diversão pública

Enquanto isso, tramitam ou já foram arquivados projetos de leis que propõem uma melhora significativa aos submetidos às agências. Nos textos, cita-se a preocupação com a vida dos jovens que entram cedo (geralmente aos 14 anos) para se adequarem aos padrões de beleza exigidos pelos futuros clientes, como no Artigo 1º do projeto nº 691 de 2007 em que “É vedada em todo território nacional a exibição pública ao vivo ou em vídeo, e na forma de fotografia impressa ou digital, de Modelo cujo Índice de Massa Corporal (IMC) seja inferior a dezoito”.

Esta proposição se baseia no parâmetro estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que o IMC abaixo de 18 é considerado subnutrição - o cálculo é resultado da divisão do peso (em quilogramas) pela altura (em metros)

ao quadrado -, somado a pressão sofrida pelos que atuam nas fotos, vídeos e passarelas que precisam estar (ou parecer) sempre magros.

As contradições entre as poucas normatizações previstas em nossa legislação e o tipo de circunstâncias vivenciadas pelos modelos nos levam a questionar acerca da aplicabilidade de dimensões básicas de condições de vida previstas para os seres humanos. Apesar da intensa visibilidade da carreira de modelos profissionais, há uma perpetuação das imposições de padrões de comportamento excessivo, privação de comida e problemas de contratos sem a devida proteção legal. Estes questionamentos nos levaram a selecionar um recorte para análise empírica, baseado no relato de pessoas que se oferecem para trabalhar como modelos em grupos do Facebook.

### **3 Exposição de pessoas que se colocam como modelos no Facebook**

Consideramos analisar comunidades do ramo da moda onde tivessem uma concentração de modelos, a proposta de aproximação empírica se deu através de grupos do Facebook, mas o cenário encontrado não foi o esperado. O objetivo era encontrar um espaço em que os modelos profissionais relatassem suas vivências, como um diário: expondo dificuldades e êxitos a colegas da categoria, para identificarmos e mapearmos as citações mais frequentes em relação à profissão.

Os grupos escolhidos foram: “Modelos, fotógrafos e produtores Florianópolis” e “Modelos, Moda e Agências”. O primeiro, com recorte estadual, é composto por 4,7 mil membros, já a segunda comunidade não delimita recorte geográfico (contendo na própria aba de informações o mapa do Brasil como “localização”) e tem 18 mil membros.

Identificamos três tipos de integrantes de ambos os grupos:

a) Os que se apresentam como interessados em iniciar uma carreira de modelo, ou seja, não são profissionais, não estão inseridos em agências. Esses

perfis são geralmente de adolescentes que postam fotos e suas medidas com a intenção de serem cooptados por profissionais ou agências de moda.

Figura 1 – Perfil com interesse carreira



Fonte: fotografia de dados do grupo do Facebook. Banco de dados das autoras.

Nessa situação, cabe salientar o risco que esses jovens se colocam ao publicar suas informações (alguns colocam a cidade onde moram) sem a supervisão de um adulto. Não são poucos os casos de aliciamento de adolescentes e crianças por meio das redes sociais. Desta maneira, além de inocentes quanto ao mundo da moda, observam-se integrantes inocentes quanto aos perigos da exposição a desconhecidos. Por isso, nos exemplos que contêm menores de idade, optamos por ocultar informações que permitissem a identificação dos mesmos (sobrenomes, horário da publicação e olhos).

b) Profissionais da comunidade da moda (principalmente fotógrafos e maquiadores) se oferecendo para novos *jobs* ou procurando modelos para produção de portfólio por permuta.

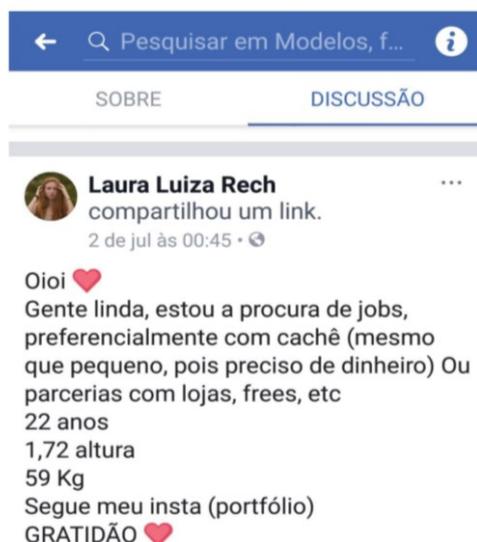
Figura 2 – Perfil profissional



Fonte: fotografia de dados do grupo do Facebook. Banco de dados das autoras.

c) Produção de portfólio, para além do conteúdo produzido durante os *jobs*, ou contratos temporários, é comum, se considerarmos que o profissional tem a liberdade de criação que não possui em casos de produções temáticas, clientes restritivos ou de baixa produtividade, mas também é problemático a partir do momento em que a maneira permuta (troca de serviço por serviço) é a prática mais utilizada.

Figura 3 – Perfil portfólio



Fonte: fotografia de dados do grupo do Facebook. Banco de dados das autoras.

Desta maneira, pode-se tensionar o valor de uma modelo, principalmente, quando se oferece permuta ou produtos, por que não se paga contas de luz e água com roupas.

d) Ainda há casos de postagens de mães divulgando seus filhos para serem modelos mirins e vídeos, textos sobre itens pertencentes à comunidade da moda (publicações que chamaremos de posts informativos): divulgação de concursos, vídeos tutoriais de como fotografar, textos sobre como entrar em uma agência.

Figura 4 – Exposição



Fonte: fotografia de dados do grupo do Facebook. Banco de dados das autoras.

### Considerações finais

A legislação brasileira que rege sobre a carreira de modelos coloca tal quadro profissional no mesmo grupo de artistas e sonoplastas e tem poucos critérios de regulamentação. Destaca-se, por exemplo, a não exibição de modelos com índice de massa corporal inferior a 18, mas não são feitas referências ao tipo de contratação, horários, hora-extra, condições de trabalho, locais e segurança do trabalho, perfil do contratante e exigências em relação a isso.

Quando observadas características mais abrangentes, como o direito à dignidade, saúde, condições de trabalho, observamos que dificilmente tais aspectos podem ser integralmente aplicados ao tipo de vivência da carreira de modelo tal qual se observa em contexto atual. A literatura acadêmica analisa o corpo como medida de encaixe no mercado profissional e as limitações decorrentes deste tipo de demanda, como as privações alimentares e comportamentos excessivos. Além disso, crianças são inseridas neste mercado, pelos próprios responsáveis ou por vezes instigadas pela glamourização da cobertura midiática do universo da moda.

Em nosso recorte de análise empírica, observamos como tais problemáticas reverberam sobre a vida de pessoas reais. Crianças têm seus corpos expostos para a conquista de posições em um mercado que envolve indivíduos desde a menoridade e é altamente seletivo. Não são levados em consideração aspectos de proteção da infância e o perigo a que tais indivíduos estão expostos. Jovens colocam-se em postagens vulneráveis, deixando disponíveis os links para seus perfis em mídias sociais, com o que se tornam rastreáveis em suas vidas ordinárias não apenas por agências de moda, mas potencialmente por qualquer indivíduo que queira usufruir da imagem de seus corpos. Estes aspectos oriundos da análise empírica reforçam a necessidade de se pensar a defesa de Direitos Humanos para este segmento frequentemente ignorado na discussão da moda: as pessoas que encarnam as imagens, as fotografias, os desfiles, as provas de roupas que são valorizadas na pesquisa e proteção legal.

## Referências

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.533, de 24 de Maio de 1978.** Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Brasília, DF, 24 de mai. 1978. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6533.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6533.htm) >. Acesso em: 12 abr. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **IMC em adultos**. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/component/content/article/804-imc/40509-imc-em-adultos>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 691 de 2017**. Dispõe sobre a exibição pública de Modelo cujo índice de massa corporal inferior a dezoito. Publicado no Diário do Senado Federal em 6 dez. 2007. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3414052&ts=1553254315439&disposition=inline>> Acesso em: 29 mar. 2019.

FORBES. **10 modelos mais bem pagas do mundo – 2017**. Disponível em: <<https://forbes.uol.com.br/listas/2017/11/10-modelos-mais-bem-pagas-de-2017/>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

GENTILLI, V. **Democracia de Massa: Jornalismo e Cidadania**. 1. ed. Porto Alegre: PUCRS, 2005

MARIE CLAIRE. Modelo cura obsessão pela magreza, recupera 20 kg e refaz carreira. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/EuLeitora/noticia/2017/07/modelo-cura-obsessao-pela-magreza-recupera-20-kg-e-refaz-carreira.html>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MOTTA, L.G. **Análise crítica da narrativa**. 1. ed. Brasília: UNB, 2013.

MOURA, I; MELO P.V. **Guia Mídia e Direitos Humanos**. 1. ed. São Paulo: Intervezes, 2014. Disponível em: <<http://intervezes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Guia-Mi%CC%81dia-e-Direitos-Humanos-menor.pdf>> acesso: 29 mar. 2019.

SALÁRIO.COM. Salário de Modelo de Passarela 2019 - Média Salarial de 173 Profissionais no Cargo. Disponível em: <<https://www.salario.com.br/profissao/modelo-de-passarela-cbo-376410/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SCHMITZ, D. **Consumo midiático da beleza feminina e o sonho de ser modelo profissional**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.18, n.2, maio/ago. 2015.

STEIN. D. **AFINAL, QUAIS SÃO AS MEDIDAS PARA SER UMA MODELO?**

Disponível em: <<http://dilsonstein.com.br/blog/afinal-quais-sao-as-medidas-para-ser-uma-modelo/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

VEJA. **Modelo que mora em favela carioca é aposta na SPFW.** Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/modelo-que-mora-em-favela-carioca-e-aposta-na-spfw/>>. Acesso em: 2 abr. 2019

# VIII Congresso Internacional de Educação



# Direitos Humanos



8 a 10  
maio

2019

# 70 anos

da Declaração Universal  
dos Direitos Humanos  
e a Educação Humanizadora

PROMOÇÃO



APOIO

